

ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

THAÍS MACIEL BARROS

O ADOLESCER DA MENINA-MONSTRO:
A SEXUALIDADE FEMININA COMO VEÍCULO DO TERROR

Porto Alegre
2022

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

THAÍS MACIEL BARROS

O ADOLESCER DA MENINA-MONSTRO
A SEXUALIDADE FEMININA COMO VEÍCULO DO TERROR

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

Orientadora: Dra. Moema Pereira Vilela

Porto Alegre

2022

THAÍS MACIEL BARROS

O ADOLESCER DA MENINA-MONSTRO
A SEXUALIDADE FEMININA COMO VEÍCULO DO TERROR

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnólogo em Escrita Criativa.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Moema Pereira Vilela

Dra. Janaína de Azevedo Baladão de Aguiar

Dr. Luís Roberto Amabile de Souza Júnior

Porto Alegre

2022

Para a Thaís de 12 anos que acreditava
ser um monstro.

AGRADECIMENTOS

À Laura, por me ajudar a encontrar o meu tema; à Abigail, pelo apoio de sempre, à Letícia, Camila e Marina, pela amizade mesmo à distância; à Alice e Vivi, de quem sinto muita falta; à vovó Conceição, por ser a melhor vó do mundo; à Moema, pelo apoio, incentivo e orientação; à Sara, por ser meu pontinho de luz.

João, obrigada por ser meu companheiro de filmes e séries na madrugada. Com você eu assisti muitos dos filmes que cito aqui, e não seria a mesma coisa se eu os tivesse visto sozinha, porque não teria a sua risada e seus comentários engraçados.

Pai, sei que não gosta de filmes de terror, mas você sempre apoiou os meus sonhos e eu te amo muito por isso. Você é meu herói.

Mãe, obrigada pelos ensinamentos e por me ajudar a revisar meus textos. Foi por você que comecei a escrever, e é por você que vou continuar.

Por fim, a Porto Alegre. Vivi tanto tempo na zona de conforto da minha bolha brasiliense que, agora que saí, espero ir atrás de várias outras aventuras.

Quem, surpresa e horrorizada pelo tumulto fantástico de suas vontades (já que ela foi feita para acreditar que uma mulher ajustada e normal tem uma... compostura divina), não se acusou de ser um monstro? Quem, sentindo um desejo engraçado mexendo dentro de si (de cantar, escrever, ousar falar; em suma, trazer algo novo), não pensou estar doente? Bom, sua vergonhosa doença é que ela resiste à morte, que ela é encrenqueira. (CIXOUS, 1976, p. 876)¹

¹ Tradução minha.

RESUMO

O gênero do horror costuma trazer suas personagens femininas em tropos muito bem desenhados e delimitados, e este trabalho foca no despertar da sexualidade. Entrando em subgêneros como o *body horror* e o *rape and revenge*, a parte teórica deste trabalho busca analisar e criticar o uso do sofrimento e da marginalização da figura feminina (principalmente no processo de adolecer) como recurso de enredo, já que, ao observar o ciclo de vida de uma mulher cisgênero e, muitas vezes, heterossexual, é possível perceber com clareza a semelhança entre essas personagens das narrativas de terror com a fase da puberdade e da descoberta sexual. A menina, mesmo fora do terror, é fetichizada desde antes de atingir a puberdade, e seus atributos sexuais podem ter consequências devastadoras, tanto se reprimidos quanto se explorados. Explorando esse tema, a parte criativa deste trabalho é um projeto de romance (as 30 primeiras páginas) que acompanha irmãs gêmeas, Júlia e Juliana, enquanto elas navegam o início da vida adulta. Com um assassino em série à solta, as duas batalham contra suas perversões internas e tentam esconder segredos obscuros.

Palavras-chave: Horror feminino. Adolescência monstruosa. Sexualidade feminina. Literatura brasileira contemporânea. Literatura de terror. Escrita criativa.

ABSTRACT

The horror genre usually presents the female characters into very well designed and delimited tropes, and this work focuses on the sexual awakening. Entering sub-genres such as body horror and rape and revenge, this work seeks to analyze and criticize the use of female suffering and its marginalization (mainly in the process of adolescence) as a plot device. When we observe the life cycle of a cisgender and often heterosexual woman, it is possible to clearly see the similarity between these characters in horror narratives with the phase of puberty and sexual discovery. A young girl, even outside of horror, is fetishized before even reaching puberty, and her sexual attributes can have devastating consequences, whether repressed or explored. Exploring this theme, the creative part of this work is a novel project that accompanies twin sisters, Júlia and Juliana, as they navigate early adulthood (the first 30 pages). With a serial killer on the loose, the two battle their inner perversions and try to hide dark secrets.

Keywords: Female horror. Monstrous adolescence. Female sexuality. Contemporary brazilian literature. Horror literature. Creative writing.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	09
2 O ADOLESCER DA MENINA-MONSTRO.....	11
2.1 A MENARCA.....	13
a. BAILE SANGRENTO.....	13
b. CARNE HUMANA.....	17
2.2 AS JENNIFERS.....	20
2.3 A MULHER COMO VÍTIMA.....	24
2.4 THAÍS.....	25
3 JÚLIA E JULIANA.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	66

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para muitas pessoas, a adolescência pode ser a fase mais desafiadora da vida. Passar pela puberdade com mudanças corporais significativas e hormônios à flor da pele enquanto devemos enfrentar o mundo quase às cegas é desesperador. É justamente nessa fase que a personalidade que possivelmente nos acompanhará pelo resto da vida começa a tomar forma, que descobrimos o que gostamos ou deixamos de gostar, que criamos nossas próprias opiniões (tão radicais, a princípio) e que nos revoltamos contra o que nos foi imposto até aquele momento. Eu mesma quis me distanciar o máximo do que eu tinha sido na infância, indo atrás, sozinha, pela primeira vez, do que me fazia feliz e do que eu queria ser. Ao mesmo tempo em que me sinto adulta por morar sozinha, fazer as minhas coisas sem regras e poder expressar minha individualidade livremente, eu sinto que ainda não saí da adolescência. Como uma mulher *queer* que foi se descobrir só depois do ensino médio, sinto que uma parte dessa fase foi roubada de mim, uma parte importante em que eu observava minhas amigas vivenciarem sua sexualidade enquanto eu não conseguia entender a minha e realmente acreditava ter sido “feita errado”.

Neste trabalho, através de filmes, livros e da minha própria parte criativa, exploro, analiso e critico a sexualidade feminina utilizada dentro do terror como recurso de enredo, algo que eu só fui explorar em mim mesma depois de teoricamente sair da adolescência. A personagem principal do meu romance, Júlia, segue a vida normal de uma universitária de 22 anos quando uma onda de assassinatos chega em Brasília, e ela tem suas próprias desconfianças quanto ao verdadeiro culpado. Tendo passado por terríveis acontecimentos durante a infância e a pré-adolescência (internações psiquiátricas, a morte sangrenta do cachorro da família, a morte do pai e o relacionamento abusivo entre ela e sua irmã gêmea, Juliana), Júlia tenta ao máximo se proteger de fantasmas do passado enquanto busca reprimir o lado sádico e intrinsecamente malvado de Juliana, tudo isso enquanto esconde sua própria orientação sexual e seu diagnóstico de esquizofrenia.

Assim como Júlia e Juliana, as meninas que cito durante o ensaio, como Carrie White, Jennifer Check e Justine, também têm uma conexão forte com suas sexualidades como veículo pelo qual o terror acontece. Algumas são punidas, outras encontram formas de sobreviver ao abraçarem seus monstros internos, espelhando o sentimento de muitas meninas e mulheres que estão passando por essas mesmas descobertas e mudanças — assim como eu, assim como a Júlia. Mas, afinal de contas, o que há de tão horroroso na expressão sexual feminina? Por que a menstruação deve ser motivo de vergonha? Por que o prazer da mulher é

tão tabu? E, principalmente, por que a sociedade se incomoda tanto com meninas e mulheres que não seguem o molde que nos foi imposto? Essas narrativas de terror deixam que a monstruosidade feminina seja liberta antes de concluir se ela deve ser reprimida ou não. Encontramos também na simbiose das gêmeas Júlia e Juliana (que são tão iguais, mas tão distintas) outros assuntos adjacentes ao tema principal, como, por exemplo, rivalidade feminina, competição, sororidade e a busca pela validação masculina.

Tendo como base as relações entre Jennifer e Needy (*Garota infernal*, 2009) e Justine e Alexia (*Raw*, 2016), construí a irmandade de Júlia e Juliana. As duas meninas transformam-se internamente quando querem explorar suas sexualidades, e a menstruação desempenha um papel importante na vida das duas. O meu romance também abraça certos temas que cito e explico no ensaio, como o *body horror* e o *rape and revenge*, e pretende quebrar a ideia de que meninas e mulheres são seres imaculados incapazes de cometer atrocidades. Ao demonstrar o que há de verdadeiramente mau em Júlia e Juliana, utilizo o sexo como veículo do terror, assim como os filmes e livros citados e analisados por mim.

Este trabalho se divide em uma parte ensaística, com referencial teórico, e em uma parte criativa, que busca exemplificar de forma literária o que foi analisado no ensaio.

2 O ADOLESCER DA MENINA-MONSTRO

Os vários arquétipos femininos que existem nas histórias de terror contam o ciclo da vida de uma mulher cisgênero a partir da pré-puberdade, passando pelo despertar da sexualidade e pela maternidade, até a menopausa e a morte. Quando não vista de forma ingênua e puritana, ou seja, como a “mocinha”, a personagem feminina, nessas fases, quase sempre é transformada em monstro, em vilã. Muitas vezes, ela é retratada em oposição ao “ideal” da boa mulher, passando a representar um ser perverso que utiliza seus atributos para o mal. O terror traz meninhas assustadoras, mulheres pervertidas, mães psicóticas e vingativas e bruxas como suas precursoras.

Podemos traçar isso quando voltamos aos contos de fadas. A mãe gentil, carinhosa, esposa devota e recatada precisa ser eliminada e substituída por uma figura má — a madrasta, a bruxa, uma mulher que se opõe ao que imaginamos que uma mãe deveria ser — para que a tormenta da princesa, ou da personagem central, comece. Com a vilã, vêm também as características que demonizam mulheres até hoje: vaidade, inveja, desejo de vingança, egocentrismo, perversão, entre outros. Na Idade Média, a cultura cristã identificava a beleza feminina com o maligno, com a influência de demônios, o que acarretou uma longa história de preconceitos contra a mulher (CORSO; CORSO, 2006, p. 79).

No terror, isso não é diferente, e essas histórias não deixam de ser um tipo de conto caucionário. No âmbito social, temos a necessidade de contar histórias, procurando o sentido da existência através do que já foi escrito. Contos e mitos são formas de nos lembrar do passado, de nos advertir, e não servem apenas para o entretenimento (KING, 2014). Isso é feito através de metáforas e analogias, o que molda nossas ideias sobre o real, e o é terror é a mais absoluta realidade.

Noëll Carroll (1999), em seu livro *A filosofia do horror*, define o terror fictício como terror artístico. Esse autor refere-se a um gênero que se cristalizou por volta da publicação de *Frankenstein*, de Mary Shelley, originalmente publicado em 1818, mas imagens de horror artístico podem ser encontradas em obras mais antigas. A diferença entre histórias de horror e histórias com monstros está na atitude dos personagens em relação a tais monstros. Seriam eles anormais e perturbadores? Ou seriam parte do mobiliário cotidiano, como nos contos de fadas? O verdadeiro terror deve causar arrepios, repulsa, medo, ansiedade, espelhando as emoções das personagens da obra.

Na literatura, o terror veio do folclore e das fábulas, que falavam sobre morte, medo, violência, criaturas más, demônios, possessões e teorias sobre o pós-morte. Depois de um

tempo, isso foi sendo traduzido para o audiovisual, tanto com roteiros inéditos quanto em adaptações de romances e contos. Através de bruxas, vampiros, espíritos e outras criaturas, esse gênero foi tomando forma. Até mesmo na *Odisseia* há pinceladas de terror, e civilizações antigas já falavam sobre vampiros, lobisomens, fantasmas malignos tomando os corpos dos mortos, etc. Na própria Bíblia existem bestas, feiticeiros e invocações — todos criados pela cultura do medo e punição. Um padrão que podemos perceber em várias culturas pelo mundo, desde sempre, é que a sociedade sente certo prazer em ver mulheres sendo punidas. Quem, entre todos os sexos, teria pecado mais do que Eva?

As mulheres são comumente vistas como o gênero mais empático e emotivo, e são elas que protagonizam vários filmes de terror — muito mais do que em qualquer outro gênero. A partir disso, é possível identificar os tropos e os arquétipos mais recorrentes nessas personagens. Não surpreendentemente, esses estão intimamente ligados à sexualidade e ao ciclo de vida da mulher cisgênero, já que a representatividade de pessoas transgênero e não-binárias é bastante escassa.

De acordo com Robert King (2014), em sua pesquisa *A regiment of monstrous women*, os estágios de desenvolvimento sexual de uma mulher, dentro do terror, começam com as “garotinhas assustadoras”. O que há de verdadeiramente assustador nelas é um conjunto de fatores que vão iminentemente transformá-las em mulheres, e a utilização de seus poderes femininos pode ser devastadora. Como diz Shelley Stamp Lindsay (1991, p. 36) em seu ensaio *Horror, femininity and Carrie’s monstrous puberty*, “proibições ao redor da primeira menstruação e mulheres menstruadas existem em várias culturas e são fundamentadas em receios de que, durante a menstruação, a mulher seja envenenada ou possuída por espíritos perigosos.”²

Como somos uma espécie que precisa contar histórias para buscar significados para o antinatural e o insólito, é plausível que toda a conturbação hormonal, emocional e corporal pela qual uma menina passa ao entrar na jornada assustadora que é aprender a ser mulher seja comparada com possessão demoníaca (CLOVER, 1992). Ter consciência disso é saber que essas histórias também falam de nós, tanto como espécie quanto como indivíduos, e os monstros que criamos sempre querem externar algo que já existe intrinsecamente em cada ser humano, pois “não importa o quão inédito algo pareça ser, para que funcione é preciso que, em algum nível, nos remeta ao *lar*”³ (KING, 2014, p. 40).

² Tradução minha.

³ Tradução minha.

Neste ensaio, falaremos sobre a sexualidade feminina como veículo do terror, passando da primeira menstruação até o início da vida adulta, e como isso reflete a visão que a sociedade tem do papel que a mulher comumente deve representar.

2.1 A MENARCA

a) Baile sangrento.

“Vemos aqui que as meninas e, sobretudo, as mocinhas lindas, elegantes e finas não devem a qualquer um escutar. E se fazem-no, não é surpresa que do lobo virem o jantar. Falo ‘do’ lobo, pois nem todos eles são de fato equiparáveis. Alguns são até muito amáveis, serenos, sem fel nem irritação. Esses doces lobos, com toda a educação, acompanham as jovens senhoritas pelos becos afora e além do portão. Mas ai! Esses lobos gentis e prestimosos são, entre todos, os mais perigosos.” (PERRAULT, 1697)⁴

Pensemos em *A chapeuzinho vermelho*, da versão original de Perrault, como contraponto nos contos de fadas, mesmo que sua história seja um tanto perturbadora. O temido Lobo Mau é predatório, persegue uma criança pela floresta, transveste-se para que ela confie nele e para que, assim, possa comê-la. Mesmo sendo de forma literal, sabemos que esse tipo de predador vive nas ruas da realidade, observando meninas menores de idade e fingindo ser o que não é para atraí-las e ganhar sua confiança. Como Diana Linchtenstein Corso (2006) bem exemplifica em seu livro *Fadas no divã*, por uma lente psicanalítica:

Sem destacar seu caráter de tentação erótica, seria incompreensível pensar por que o lobo não a comeu com a mesma objetividade que o fez com a vovozinha... Em vez disso, ele e a menina ficaram travando um duelo verbal, totalmente dispensável se Chapeuzinho não passasse de um bocado de carne tenra. (CORSO;CORSO, 2006, p. 54)

A agressividade sexual do Lobo é tapeada pela esperteza de uma simples menininha, e isso a torna o objeto de medo do vilão, invertendo seus papéis. É *apenas* uma garota que consegue vencer o grandessíssimo Lobo Mau — uma que não cai em suas garras pervertidas, que não se permite ser sexualizada. A aparente inocência desse tipo de personagem é o que faz com que seus atos destemidos e agressivos sejam tão assustadores: ninguém esperava por essa. Normalmente estão fadadas a serem resgatadas por homens (aqui entra o Caçador, na

⁴ Da obra original de Perrault “Histoires ou contes du temps passe, avec des moralités”. Paris: Barbin, 1967, em *Contos de fadas* (2004), de Maria Tatar.

versão dos irmãos Grimm), mas as garotinhas assustadoras nas histórias de terror não precisam ser salvas. Elas *são* o próprio terror.

Não é surpresa que essas garotas, na maioria das vezes, tenham algum tipo de poder sobrenatural (vide a Regan, em *O exorcista*, de 1973) ou um segredo obscuro (como a Esther em *A órfã*, de 2009), pois é difícil acreditar que criaturas tão ingênuas e frágeis sejam capazes de tais atrocidades. Elas ainda não são seres sexuais, estão à véspera da puberdade, e não é correto sentir qualquer tipo de atração por essas personagens. Ser proibido de sentir desejos sexuais é algo aterrorizante para o homem comum — para o predador, é excitante. Uma criança não é capaz de compreender a totalidade do perigo das intenções de um pedófilo. Para eles, a inocência é justamente o que deixa a curiosidade ingênua da criança tão sedutora: “o contraste entre a condição adulta de seu propósito e a infantilidade da vítima” (CORSO;CORSO, 2006, p. 55). Podemos ver isso bem desenvolvido e exemplificado no filme *Menina má.com*, de 2005, quando a personagem Hayley, de apenas 14 anos, consegue ludibriar um pedófilo e virar completamente a situação. A princípio, ele pensa que está no comando, mas a garotinha já sabia bem o que fazer: castrá-lo (como se estivesse abrindo a barriga do lobo) e convencê-lo a tirar a própria vida.

Na puberdade, vemos muitas alegorias a sangue, como em *Carrie, a estranha*, romance de Stephen King (2013) que ganhou diversas adaptações cinematográficas, a mais memorável sendo a de 1976. Ao menstruar pela primeira vez, a personagem epônima descobre todos os horrores que vão acontecer com seu corpo, todas as mudanças profanas que a maldição do sangramento traz, e, de brinde, intensifica poderes telecinéticos que já estavam presentes desde a infância. Sua estranheza reside no fato de que ela não tem conhecimento sobre a própria sexualidade, e é essa mesma ignorância que a faz matar vários colegas e professores no final da trama. Percebe-se que, desde muito cedo, Carrie White começou a questionar o fundamentalismo religioso da mãe, como na cena em que vê a vizinha de biquíni e pergunta o que são “aqueles”, apontando para o corpo da vizinha. “São meus seios, Carrie”, ela responde. Então a criança de quatro anos diz que também queria tê-los. Quando a vizinha aponta que ela teria que esperar mais alguns anos, Carrie replica: “Mamãe diz que garotas boazinhas não têm”. A alienação do mundo real é feita com tanta repressão, que aspectos naturais de seu próprio corpo são demonizados pela mãe, e “a origem do conflito está na atitude possessiva materna, que vê o crescimento como um abandono” (CORSO;CORSO, 2006, p. 64).

Com tudo isso, podemos concluir que está fadada a ser uma assustada Chapeuzinho quem não quer entender a complexidade de sua própria sexualidade (CORSO;CORSO, 2006).

Tanto nesse caso como nos acima, assim como nos que virei a citar, a vítima e o monstro podem ser reduzidos a uma única figura, já que personagens como Carrie White passam primeiramente pelo papel passivo de vítima — vide o ataque de suas colegas de escola logo no início da trama. Porém, fica implícito que adolecer apenas as transforma em monstros. A partir daí, essas meninas viram o que viabiliza o verdadeiro terror.

Quando o balde de sangue de porco ensopa Carrie em seu momento de maior exposição e vulnerabilidade, no palco, recebendo a coroa de rainha do baile, é quase como se tudo o que ela tanto rejeita (o pecado do sexo, as mudanças físicas) fosse imposto à força (como, quem sabe, um estupro), e, na perda de sua inocência, ela se vingasse de todos com o que há de mais sombrio nela: justamente o que tanto esconde, sua estranheza maior. Dentro de sua culpa cristã, a única autopunição possível é a morte. *Carrie*, então, assim como outras obras similares, não pode ser sobre liberar-se de uma repressão sexual. Ao contrário, deixa-nos cientes de que tal repressão falhou em seu papel de conter o feminino monstruoso (LINDSEY, 1991). Tal monstruosidade esconde-se atrás do fanatismo sancionado pela mãe, que se autoflagela pelo simples fato de ser mulher.

Ela baixou a cabeça e falou uma coisa tão baixo que não consegui ouvir. Quando pedi para ela repetir, ela me olhou com uma expressão desafiadora e disse que a mãe dela tinha sido malvada quando a fez e que era por isso que ela a tinha. (KING, 2013, p. 40)

Pode-se dizer que Carrie quis retaliar a mãe, mas, ao fim, ela *escolhe* a mãe. Rendendo-se aos ensinamentos fanáticos, Carrie entende que o sangue *é* monstruoso, que ela também tem “a Maldição de Eva”. A menina tem um pequeno gosto do mundo de fora quando vai ao baile com o menino popular, quando recebe a coroa, mas isso é logo arrancado com crueldade. E, pior, por outra menina, a Chris, que entra em contraponto com a personagem Sue. Chris é rebelde, desbocada, enquanto Sue, apesar de ter participado do ataque no banheiro, está mais em linha com o que consideráramos uma “boca moça.” Ela se arrepende de seus atos, mas Chris não aguenta sentir que saiu por baixo ao ser expulsa do baile da escola. Carrie, por sua vez, não é Chris nem Sue, porque ela sempre será apenas um reflexo de sua mãe, uma mulher que vive em função da culpa e do medo. Ou seja, Margaret White *sempre esteve certa*, e o *locus horrendus*⁵ em questão assemelha-se ao útero da mãe, ao lugar em que a criança esteve mais protegida, de onde ela não podia sair. Fora dessa torre uterina, apenas um grande deserto a aguarda (CORSO;CORSO, 2014).

⁵ Dicionário Glosbe de latim para português.

Ao mapear o sobrenatural na adolescência feminina e engajar a linguagem do fantástico, *Carrie* apresenta uma fantasia masculina em que o feminino se constitui como horroroso. Ao traçar o caminho de *Carrie* para a vida adulta, o filme apresenta a sexualidade feminina como monstruosa e constrói a feminilidade como uma posição impossível de ser ocupada. (LINDSEY, 1991, p. 34)⁶

Um outro lado, porém, é da menina que nunca pode atingir a puberdade, que está sempre presa a um corpo infantil que não a acompanha intelectualmente, e essa paralisia também tem consequências catastróficas. Vejamos a personagem *Claudia*, do romance *Entrevista com vampiro*, publicado originalmente em 1976 e escrito por Anne Rice (2020). Transformada em um ser imortal e imutável ainda quando criança, *Claudia* nunca irá crescer. Na adaptação cinematográfica do livro, a atriz *Kirsten Dunst*, com 12 anos na época, deu vida à personagem que era caracterizada como uma boneca colonial e paparicada pelos seus guardiões. A sede incontrolável de *Claudia* cresce proporcionalmente à sua frustração ao perceber que ela nunca irá se desenvolver. Em surtos de raiva, a pequena vampira corta os cabelos dourados com cachos perfeitos, apenas para vê-los intactos poucos segundos depois; também vai atrás de mais e mais vítimas, insaciável, provando-se ser um monstro pequeno capaz de drenar o sangue de uma família inteira. Ela tem o intelecto para entender o que acontece com ela, e seu ódio vira-se contra seus pais, *Louis* e o icônico *Lestat*; afinal, foram eles que fizeram aquilo com ela, que a prenderam àquela vida sem esperança e sem perspectiva. Desgostosa da própria existência, *Claudia* está sempre querendo mais do que pode ter. Ela encontra seu fim com o sol, que transforma seu corpo em cinzas, agarrada a uma vampira recém-criada que ela havia conseguido para ser sua figura materna: uma mulher madura e adulta que poderia ensiná-la coisas que seus pais do sexo masculino não teriam capacidade. *Claudia*, infelizmente, não chega a conseguir o que tanto quer.

Outro exemplo é a misteriosa *Eli*, do livro sueco *Deixa ela entrar*, igualmente uma vampira criança com segredos que vão além da sua sede sangüinária. Seu desenvolvimento foi interrompido também aos 12 anos de idade, mas a frustração de *Eli* dá-se mais pelo fato de que ela não pode ser abertamente quem é. Seu corpo foi violado antes mesmo de se transformar, e é então que descobrimos que *Eli* é um menino castrado. Por não ter se desenvolvido, passa-se por menina e vive com um homem mais velho que a ajuda a se alimentar. Aqui vemos mais uma *Chapeuzinho*, uma que mora com o lobo e tem poder sobre ele a fim de domá-lo. “Apaixonado” por *Eli* (se é que podemos chamar de amor o que um

⁶ Tradução minha.

homem velho sente por uma menina pré-adolescente), seu guardião implora por uma noite com ela, mas Eli é impiedosa. Mesmo fazendo amizade com um vizinho desajeitado, o Oskar, fica claro como Eli é monstruosa. No final da trama escrita por John Ajvide Lindqvist (2008), a vampira acaba decapitando meninos que atormentavam Oskar na escola, sem se importar que sejam também crianças. Os dois fogem juntos, e através desse par acompanhamos a tormenta que é ter que crescer. No caso de Oskar, o menino vai de fato amadurecer e está em busca de descobrir quem verdadeiramente é. Eli, por outro lado, estará sempre aprisionada àquele corpo.

b) Carne humana.

Com Carrie White, aprendemos que menstruar é perigoso. Já com Ginger, de *Possuída*, lançado em 2000, percebemos que é possível usar a própria menstruação como arma contra investidores indesejáveis. Em noite de lua cheia, ela é mordida por um lobisomem que sente o cheiro de seu sangue menstrual, esse que ocorre pela primeira vez naquele exato momento. Assim que as gotas vermelhas caem no chão e Ginger percebe, com horror, que finalmente sua menstruação chegou, ela é mordida por uma criatura terrível. O Lobo Mau aparece mais uma vez, e Ginger só é salva quando uma caminhonete atropela o lobisomem. A partir daí, o sangue vai para sempre fazer parte de sua vida, e mudanças corporais começam a acontecer. Os pelos grossos e brancos nascem por toda a extensão de seu corpo, seus dentes ficam afiados e as unhas crescem de forma curva. O que é mais notável, porém, é como o comportamento de Ginger muda drasticamente depois do acontecimento. Antes desinteressada, agora ativamente busca prováveis parceiros sexuais. Sua irmã gêmea vira o contraponto — ela não menstruou, portanto o monstro ainda não a tomou.

A mocidade de personagens como Ginger, Justine (*Raw*, de 2016), Dawn (*Vagina dentada*, de 2007), e Jennifer (*Garota infernal*, de 2009) é extremamente perigosa. Essas quatro personagens querem literalmente *comer* os homens de suas vidas — e isso não é metáfora para algo estritamente sexual, mas, sim, uma forma de aniquilação. Todos esses filmes contêm muito sangue e muita adolescência e trazem a seguinte mensagem: não ousem mexer com meninas que já sabem brincar com seus poderes sexuais. Elas são perversas, pervertidas, devoradoras, e *nenhum* homem está a salvo perto delas, pois “quem veio comer acabou devorado” (CORSO;CORSO, 2006, p. 56). A descoberta da sexualidade é vista como sangrenta e monstruosa, e todas essas garotas estranham seus corpos depois de finalmente

cederem aos seus instintos selvagens. O horror, nesses casos, começa quando seus corpos são violentados. Mesmo que em *Raw* a Justine não seja estuprada, é possível entender a intrusão que seus colegas causam em seu corpo quando a obrigam a comer carne durante o trote da faculdade, mesmo ela afirmando que é vegetariana. Sua abstinência das lascividades da carne é o que doma seus desejos sinistros pelo canibalismo.

Logo no início do longa francês, escrito e dirigido por Julia Ducournau (o que é um respiro, já que a maioria dos filmes citados aqui foram idealizados por homens), somos apresentados a uma família de vegetarianos restritivos. A mãe da protagonista fica irada ao perceber que havia um pedaço de carne no purê de batatas da filha e vai criar caso com os atendentes do restaurante mesmo com Justine pedindo que ela não o faça.

Introduzida ao mundo dos calouros de uma renomada faculdade de medicina veterinária, Justine descobre que sua irmã Alexia, também sua veterana, não continuou com o vegetarianismo depois de ingressar na universidade. A relação dessas duas irmãs é conturbada, cheia de amor e ódio, e é apenas porque Alexia enfia um fígado de coelho goela adentro de Justine que a menina aceita participar do trote. Não muito depois, ela já fica fascinada por carne, até tentando roubar um hambúrguer do buffet do refeitório, para logo mais estar comendo frango cru da geladeira de seu colega de quarto. Esse apetite prova ser um desejo reprimido por tanto tempo, que Justine nem percebe o quanto precisava daquilo. Esse desejo pode ser espelhado no público, que vai percebendo com o passar do filme, mesmo entre cenas perturbadoras e grotescas, o quanto é fascinante observar a mudança de Justine de uma menina desajeitada para uma mulher faminta. Reprimimos tanto a nossa própria violência e nosso próprio sadismo que, assim como a protagonista, não percebemos como queremos, *sim*, ver essas cenas, assim como Justine quer ser uma devoradora. E é justamente essa transformação que a salva, que a transforma no que sempre esteve destinada a ser para que possa sobreviver (MENGI, 2019).

A insaciedade de Justine não se restringe apenas à alimentação. Ela passa a ser uma mulher sexual, perdendo a virgindade para o colega de quarto, enquanto tenta mordê-lo a todo custo. Ao final do ato, ela acaba mastigando seu próprio braço, tanto em uma tentativa de saciar sua ânsia, como em uma possível autopunição.

Claro que, por esse motivo, no final ela precisa ser punida. Como podemos ver na maioria dos filmes de terror atuais, a vítima feminina geralmente encontra seu “monstro” em um ato que leva à antecipação sexual. Ela está a caminho de uma visita ao namorado, ou está esperando por ele quando o ataque ocorre inesperadamente. O que é quase um castigo por tentar descobrir sua própria

sexualidade, e pode até ser lido como uma castração para a protagonista feminina. (MENGI, 2019, p. 2)⁷

O derramamento de sangue animal que os veteranos fazem nos calouros na cena do trote é um paralelo ao sangue de porco que derramam em Carrie White. Pode não ser a primeira menstruação de Justine, isso não é abordado explicitamente, mas é o primeiro contato que ela tem com a vida adulta de uma mulher. A partir desse momento, ela passa pela maldição da carne, da tentação, do sexo feminino, sendo castigada com fortes alergias, pesadelos, crises de abstinência e desejos sexuais. A abundância de sangue que nos é apresentada, além dos machucados e das mutilações intensas, fazem parte de um subgênero do terror, o *body horror*⁸, que costuma estar presente nas transformações da menina pré-púbere para uma mulher sanguinária. Como diz Shaba Mengi (2019, p. 4) em seu ensaio sobre *Raw*: “ao nos mostrar o que é desprezível, filmes de terror funcionam como lembretes da nossa própria humanidade. Assistimos aos filmes, confrontamos o abjeto (fluidos corporais, monstros, cadáveres) e nos lembramos da linha que não podemos cruzar na vida real.”⁹

Com o desenvolvimento da trama, descobrimos que Alexia também é canibal. Isso se revela quando ela testemunha a irmã roendo o seu dedo, que ela havia acidentalmente decepado. Indo além de Justine, Alexia causa acidentes propositais em uma estrada não muito movimentada, para se alimentar de suas vítimas, bebendo o sangue em um movimento vampírico. Após uma briga voraz entre as duas, em que se mordem e se mutilam, Alexia acaba devorando o amigo de Justine e, assim, indo presa, mas não antes de a irmã mais nova cuidar da mais velha, dando-lhe um banho e a ajudando a se limpar, em um ato de cumplicidade — afinal, as duas são iguais. Não surpreendentemente, a mãe também é assim, e é por isso que insiste tanto no vegetarianismo. Conversando sobre o instinto cruel de Alexia, o pai das meninas conta um terrível segredo e abre a camisa para mostrá-lo. Cheio de cicatrizes e pedaços de carne faltando, ele diz: “Isso não foi sua culpa, nem de sua irmã. Ela era diferente desde o começo. Eu e sua mãe não conseguimos achar uma cura, depois acho que ela só aceitou o que é. Não se preocupe, querida, você também achará um jeito.” Ou seja, a única forma de sobreviver é apenas aceitando o que se é, mesmo que seja um horrível monstro.

⁷ Tradução minha.

⁸ O termo, traduzido literalmente como “horror corporal”, foi primeiramente citado por Phillip Brophy em 1983 em seu artigo *Horrorality: the textuality of contemporary horror film*. Esse tipo de terror é constituído de severas distorções do corpo humano, e não é sobre o corpo ser destruído, mas apenas transformado em algo grotesco (KENCH, 2021).

⁹ Tradução minha.

No caso de Dawn, de *Vagina dentada*, que também, a princípio, não se envolve com sua sexualidade por motivos religiosos, a menina percebe seu poder perverso quando é estuprada. Mesmo de forma trágica, ela finalmente entra em contato com seu poder sexual ao descobrir que tem dentes afiados dentro de sua vagina — e que, para o bem ou para o mal, pode decepar o pênis de seus abusadores. Ela tem controle dessa habilidade, e suas presas genitais não machucam quem ela de fato *escolhe* como parceiro. Passando por abusos de colegas, médicos e até mesmo de seu irmão postiço, Dawn decide aceitar sua monstruosidade e vingar todas as meninas e mulheres que não puderam fazê-lo por elas mesmas. A castração, nesse caso, não atinge Dawn, mas os homens que a rodeiam. O diferencial desse filme e de *Raw* é que as protagonistas não morrem pelos seus pecados. Elas são resilientes ao que tanto as assombra, abraçando uma “desumanidade” que acaba provando ser, antes de tudo, um instinto grandemente humano.

2.2 AS JENNIFERS

As Jennifers são as que sofrem os estupros mais gráficos, apesar de, em *Garota infernal*, Jennifer Check ser estuprada de forma simbólica — através de um sacrifício humano para o diabo. De uma garota aparentemente sem substância, mas que comete os terríveis pecados do sexo (pois, diferente de Dawn e Justine, ela é sexualmente ativa), Jennifer vira um súcubo canibal que precisa se alimentar de carne humana para manter sua forma bonita e confiante. É justamente essa sexualidade pungente que a transforma nesse monstro, mas que, de certa forma, também a salva. Caso fosse virgem, Jennifer apenas morreria durante o ritual de sacrifício. Entretanto, ela sobrevive e volta atrás de vingança. O terror de *Garota infernal* acontece através de Jennifer, pois é ela que mata os meninos, que manipula sua melhor amiga e que aterroriza a cidade. Mas é inegável que, acima de tudo, ela é uma vítima. Mesmo quando precisa matar a melhor amiga para acabar com os assassinatos, Needy, personagem de Amanda Seyfried, ainda entra em luto pela morte de quem Jennifer um dia já foi.

Esse filme também entra na questão da rivalidade e da cumplicidade feminina. Ouvimos muito falar sobre sororidade, mas esse ainda é um conceito complexo, tendo em vista que as mulheres não foram criadas para terem a intenção de respeitar outras mulheres, e sim para tentarem provar que são melhores que as demais e dignas da companhia masculina. De qualquer forma, ainda existe algo que une todas nós: posso odiar uma menina com todas as minhas forças, mas, se ela me pedir um absorvente, é claro que o darei. No entanto, isso não significa que a rivalidade não seja prevalente no inconsciente coletivo feminino.

Esses valores distorcidos vilinizam a hiperfeminilidade¹⁰, julgando mulheres que se importam “demais” com aparência e *status* como seres superficiais. Em seu ensaio sobre o assunto, Katie Anderson (2020) diz que “através da história, as conotações de feminilidade muitas vezes levam ao preconceito. Feminilidade e o *ser mulher* como extensão são muito associados a papéis de gênero já antiquados e a vários outros adjetivos que grande parte da comunidade feminista rejeita”. A linha entre ser feminina e delicada e ser fútil e dominante é tênue, o que faz com que muitas meninas e mulheres fujam desses padrões para serem levadas a sério. O respeito que as personagens ganham de seus conhecidos só vem quando elas abraçam a seriedade, que não tem lugar na hiperfeminilidade.

Jennifer Check é hiperfeminina. Sempre com roupas rosas e acessórios de coração, ela é descrita como a menina mais popular e desejada da escola. Needy é desajeitada, *nerd*, e outros personagens questionam por que ela e Jennifer são melhores amigas. Mais para o fim do filme, descobrimos que elas fizeram um pacto de sangue quando crianças. Ao se machucar com uma tarrachinha enquanto brincava em um parquinho de areia, Jennifer oferece seu dedo para Needy, que beija o sangue e promete protegê-la. Na dinâmica da amizade das duas, Jennifer quer genuinamente que Needy seja e se sinta bonita, até para que ela não passe vergonha, mas nunca melhor do que ela. Claro que isso é sintoma de uma profunda insegurança. Enquanto tem a atenção masculina voltada para si, Jennifer brilha, seu cabelo ganha movimento, a pele apresenta viço, e ela anda confiantemente pelos corredores da escola. Isso também ocorre depois de se alimentar de algum menino, e não só da admiração deles. Ela quer sentir que os meninos a temem. Na cena de morte do personagem Colin, Jennifer diz: “preciso que esteja assustado, preciso que perca as esperanças.”

Ela vai atrás do namorado de Needy, o Chip, quando percebe que sua amiga não está feliz com as matanças. Needy a julga, dizendo: “você está matando pessoas!”, ao que Jennifer responde: “não, estou matando *garotos*.” Ou seja, ela não os vê como seres humanos, não se compadece, muito porque foram homens que a machucaram e, literalmente, enfiaram uma faca diversas vezes em seu peito. O ato é fálico por si só, enfiar algo em alguém, principalmente em uma mulher. A primeira morte de Jennifer é uma grande violência sexual.

Ao perceber que Chip não a deseja do jeito que ela gostaria, Jennifer ataca, mas é surpreendida por Needy, que vai ao resgate do namorado. Ela sente o momento em que a

¹⁰ A hiperfeminilidade é muitas vezes caracterizada como a “garota muito feminina”, em um exagero de qualidades femininas que deixam pouco espaço para qualidades masculinas. O termo descreve alguém que se associa à representação estereotipada do feminino, como maquiagem, estilo de moda que demanda alta manutenção, etc. (SINGH, 2021, ANDERSON, 2021).

então-melhor-amiga beija Chip, pois elas renovaram o pacto que fizeram no jardim de infância pouco tempo antes, dessa vez com um beijo. Fica a questão sobre a sexualidade das duas meninas, e o que podemos interpretar é que a tensão sexual entre as duas é uma das coisas que as conectam de forma quase espiritual. Tendo beijado tanto Chip quanto Jennifer, Needy sente em seus lábios o beijo selado entre os dois.

Jennifer começa a levitar. Quando Chip se vê surpreso com isso, Needy diz: “não é nada demais, ela só está planando”. Indignada, Jennifer responde: “você tem mesmo que invalidar tudo que eu faço?”, e, entre tapadas e xingamentos, afirma que vai matar Needy. Essa outra, então, questiona: “eu achei que você só matasse garotos.” Jennifer, com um sorriso maléfico enfeitando o rosto, diz: “eu corto pros dois lados.” Nesse momento, Chip consegue atravessar o torso da “vilã” com uma haste de metal (outro símbolo fálico performado por um homem), e Jennifer, enfraquecida, pergunta se Needy tem um absorvente (mais uma vez a menstruação aparece).

Esse não é o final dela, já que Jennifer consegue se regenerar. A única forma de realmente matá-la é perfurando o seu coração, e é isso que Needy faz, retomando a primeira morte da amiga. Com sua força sobrenatural, Jennifer consegue lutar contra Needy, mas essa arranca do pescoço da oponente a metade do pingente de coração que elas compartilhavam. Sim, elas entravam em conflito. Sim, Jennifer tinha um senso de superioridade em relação à Needy. Mas a amizade das duas era a única coisa que segurava Jennifer à sua humanidade. Perdendo a força e em choque, Jennifer colapsa contra a cama, e Needy finalmente consegue detê-la. Ao morrer, o aspecto tenebroso e cansado de Jennifer vai embora. Mesmo sem vida, as bochechas coram e a pele retorna à tonalidade original. Ali ela volta a ser humana, apenas na morte. “Meu peito”, são suas palavras finais. “Não”, Needy retruca. “Seu coração.”

No caso de *A vingança de Jennifer e Doce vingança*, o estupro não poderia ser mais claro. Em ambos os filmes as cenas de violência duram mais de vinte minutos, mostrando cada gota de sangue, grito de dor e lágrima que as protagonistas derramam durante o ato. Quando a Jennifer do *remake* vai atrás de um policial e, assim, acredita estar finalmente a salvo, ela depara com o homem que deveria protegê-la levando-a de volta aos seus abusadores, juntando-se a eles. Ou seja, mulheres nunca estão seguras perto de *qualquer* homem. Tudo isso é mostrado em detalhes para que compreemos a briga e as ações de Jennifer sejam justificáveis no final. Ela volta, depois de armar um plano, com a única intenção de matar os homens que a estupraram. Eles são jogados em ácido, mutilados, triturados por motores, postos ao ar livre, onde corvos bicam seus olhos, enforcados... Quando o filme acaba, ainda permanece a sensação de que eles não sofreram o suficiente.

A última Jennifer é do filme *Vingança* de 2017. A história é parecida com as anteriores, tendo sido a protagonista estuprada. Dessa vez, porém, apesar de explícito, o ato não demora tanto quanto em seus filmes antecessores, talvez por ter uma mulher como diretora e roteirista. Deixada para morrer em um deserto, nossa Jennifer número quatro vai atrás dos homens que a machucaram. Com direito à toda violência imaginável e banhos de sangue, a vítima torna-se heroína (mas, claro, não deixa de ser vítima), como diz Clover (1992, p. 8): “vítima e heroína podem colapsar em uma única figura, ou, alternativamente, divergir-se em muitas.”

O que eu, pessoalmente, acho questionável é a utilização do estupro como recurso de enredo. É com isso que o subgênero *rape and revenge* foi consolidado: mulheres violentadas que vão atrás de vingança, mas aniquilar os abusadores não vai fazer o abuso ser menos pior e traumático. Uma cena violenta de estupro de 26 minutos faz bem a quem? Mulheres não querem ver isso, mas e homens? Tendo “estupro real” como uma das categorias mais procuradas em *sites* de conteúdo adulto, filmes como *A vingança de Jennifer* ajudaram a cristalizar um subgênero que satisfaz desejos ocultos em homens sádicos. Apesar de em filmes de terror o sadismo e o masoquismo serem muito prevalentes, e eu diria até que necessários, esse subgênero está datado, e filmes de *rape and revenge*, tendo sido considerados feministas em décadas anteriores, são, na verdade, o completo oposto, até porque a maioria esmagadora foi escrita e dirigida por homens que se deliciam com o *extreme cinema*. Filmes de terror passam muito tempo olhando para mulheres em primeira-pessoa, o que prova o olhar “sádico-voyerístico” que os espectadores devem ter (CLOVER, 1992).

Outro exemplo é a famosa duologia *Kill Bill*, cheia de simbologia fálica, em que a protagonista é estuprada quando está em coma. Homens pagam ao vigilante do hospital para abusarem de mulheres desacordadas. Antes considerada uma duologia feminista, *Kill Bill* nada mais é do que uma fantasia masculina em que a violência contra a mulher faz parte do desenvolvimento da personagem. Mulheres são mais complexas do que isso, porém. Não que os filmes citados não tenham seu valor, até porque abriram portas para outras histórias que reconfiguram o subgênero (como *Bela Vingança*, de 2021, e *The Nightingale*¹¹, de 2018), mas o sofrimento feminino não pode ser reduzido apenas à sua sexualidade. Novas personagens

¹¹ Filme da diretora Jennifer Kent, que sabe muito bem como contar uma história sobre dor, luto e perda. Ela também escreveu e dirigiu *O Babadook*, outro exemplo do horror que acontece através do feminino, dessa vez pela maternidade. Através de um olhar feminino como o de Jennifer (sim, a ironia do nome), o estupro em *The Nightingale* não é um recurso raso para despertar a fúria da protagonista. Em vez disso, é utilizado como analogia ao colonialismo. As cenas ainda são longas demais para o meu gosto, mas o abuso é focado nos olhos da vítima, e não em seu corpo nu.

verdadeiramente feministas deixam de ser uma mera Jennifer e clamam por seus próprios nomes.

2.3 A MULHER COMO VÍTIMA

Sabemos que, mesmo com todas as obras citadas acima, a mulher continua sendo mais vítima do que veículo do horror. Tal vítima existe não para causar terror, mas para destacar a natureza maléfica do monstro ou assassino. O horror acontece com ela, não através dela (KING, 2014). Classicamente, os papéis de vítima e monstro são bem separados. Segundo Clover (1992, p. 12):

O fato de que os monstros femininos e as heroínas, quando aparecem, são masculinos no vestuário e no comportamento (e muitas vezes até no nome), e que as vítimas masculinas são mostradas em posturas femininas ao seu extremo, parece sugerir que gênero é inerente na própria função — que há algo no papel de vítima que deseja manifestar-se no feminino e algo nas funções de monstro e herói que deseja expressar-se no masculino.¹²

Mulheres, no geral, demoram muito mais a morrer em cena do que homens. Enquanto esses últimos morrem de forma rápida e muitas vezes por erros e descuidos, mulheres e meninas são perseguidas, abusadas, torturadas, mutiladas, expostas e humilhadas até finalmente morrerem. Elas são punidas, no fim das contas, por expressarem sua feminilidade. Foi novidade, nos anos 1970, mulheres começaram a sobreviver em filmes de terror. Elas precisam, porém, passar por uma série de obstáculos e torturas para ganhar o direito de não morrer, a saber: Sally, em *O massacre da serra elétrica*, de 1974; tenente Ripley, em *Alien, o oitavo passageiro*, de 1979; Alice, em *Sexta-feira 13*, de 1980; e Nancy, em *A hora do pesadelo*, de 1984. Personagens anteriores a essas não tinham a mínima chance. Marion Crane, por exemplo, de *Psicose*, já começa o filme mostrando a sua transgressão ao roubar muito dinheiro e fugir para um hotel. Ela começa a se despir, mostrando-se um objeto de desejo sexual, e não muito depois morre, pois é isso que merece (CLOVER, 1992).

Para acreditarmos que uma mulher poderia ser capaz de ser o monstro, é preciso mostrá-la como má, como raivosa. Sobre as sobreviventes após *O massacre da serra elétrica*, a personagem precisa ser resiliente e abdicar de sua feminilidade para não ser apenas um par de seios que sabe gritar por ajuda, mas, sim, uma heroína. No final das contas, não dá para afirmar que a vítima também pode ser a heroína, como Clover (1992, p. 2) bem diz sobre as

¹² Tradução minha.

Final Girls, termo criado por ela mesma: “uma ‘sobrevivente torturada’ seria um termo melhor do que ‘heroína’. ‘Sobrevivente acidental’, ou, como a chamo, ‘vítima-heroína’, com ênfase na ‘vítima’”.

Histórias de terror contam muito sobre o feminino, seja para demonizá-lo seja puni-lo, raramente para celebrá-lo. Tudo isso fala muito sobre a sociedade atual, já que existe um quê narcisista na forma em que se contam histórias. A palavra “monstro” vem de *Monstrare*¹³ em latim — apontar, mostrar, expor. Esses monstros expõem algo sobre quem cria a história (KING, 2014). Muitas cenas mostram, mesmo que de forma sutil, o desejo do espectador de ver a mulher ser penetrada — e pode ser com facas, serras-elétricas ou buracos de projetis, como exemplificado antes. O elemento fálico está sempre presente na tortura da vítima. A morte de uma mulher bonita, disse Edgar Allan Poe em seu ensaio *The philosophy of composition*, é sem questionamentos o tópico mais poético do mundo. Mesmo que algumas vítimas possam ser homens, a maioria delas será de mulheres, e essas passam por brutalizações que se assemelham um pouco demais ao que vivem na realidade, causando desconforto (CLOVER, 1992).

É um certo alívio, então, ver o feminino ser o monstro em si, e não mais a simples vítima, mesmo que essa representação não seja tão melhor. Pode ser por isso que tantas mulheres gostam de filmes de terror e se identificam com as vinganças tomadas pelas Jennifers, até quem nunca passou por um estupro. No entanto, os motivos por trás desses filmes ainda são questionáveis. Muitas mulheres podem se identificar com uma menina estuprada que se vinga de forma terrível. É provável que toda mulher conheça uma Jennifer. Ver, através da ficção, homens serem as vítimas, para variar, pode ser prazeroso. E não serão tão vítimas assim, já que eles mesmos já foram os monstros antes; os papéis apenas se inverteram.

Nas palavras do grande Bela Lugosi, em sua entrevista com Gladys Hall, em 1931: “São as mulheres que amam o horror. Regozijam-se com ele. Alimentam-se dele. São nutridas por ele. Estremecem, apegam-se e choram com ele — mas voltam para mais”.

2.5 THAÍS

Eu menstruei aos 11 anos. A maioria das minhas amigas já tinham menstruado, já estavam com os seios crescendo e os quadris alargando. Então, eu mal podia esperar pela

¹³ Dicionário Glosbe de latim para português.

minha vez. Eu havia passado o dia inteiro no colégio, estava cansada. Quando fui tirar a roupa para tomar banho, levei um susto com o que vi na minha calcinha. Uma massa alienígena pastosa, marrom, meu Deus! Entrei em desespero quando imaginei que tivesse feito cocô nas calças. Mas... não. Era diferente, e eu teria com certeza sentido se fosse isso. *Vish*, pensei. *Menstruei*. Eu queria muito menstruar logo desde que minha melhor amiga da época havia tido sua menarca, mas, naquele momento, fiquei com nojo de mim mesma. Depois de averiguar e investigar, tendo envolvido minha mãe e a Alice, minha segunda mãe, chegamos à conclusão de que, *sim*, eu havia menstruado! Ai, parabéns, minha filha, agora virou mulher, vou te buscar flores, contar pro seu pai... Não! Não conta pro papai. Eu tinha muita vergonha.

Foi também aos 11 anos que me senti triste pela primeira vez. Triste, assim, por motivo nenhum. Uma vontade sufocante de chorar irrompeu pela minha garganta, e sentei na cama do meu quartinho cor-de-rosa para deixar essa onda de solidão me afogar. Quando criança, eu era uma princesinha. Adorava fantasias, animais de pelúcia, barbies sereias... E aí, à beira da adolescência, eu morri. Descobri o Tumblr, a banda Evanescence (que me abriu portas para o mundo da subcultura gótica) e, claro, filmes de terror. Antes, eu tinha muito medo, e o único que tinha visto fora *O sexto sentido*, que nem é tão de terror assim. De qualquer forma, a morte sempre foi algo que me assustou muito, talvez por ter tido que conviver com sua sombra antes mesmo de saber falar. A única opção que eu tinha para marcar essa minha mudança radical foi me matar.

Eu sentia tanta, mas tanta raiva de tudo e todos. Raiva da ex-melhor amiga por termos brigado, raiva dos meus pais por não me entenderem, raiva do professor de matemática por não ensinar direito, raiva de todos aqueles que já me fizeram mal e raiva daqueles que tentavam me fazer bem. Esse ódio ficou tão reprimido no meu estômago que eu não sabia nem como começar a pôr para fora. Queria ser um pouco mais normal, mas eu deliberadamente me cercava do que eu chamo de manchas. Cada uma representa algo que me foi tirado ou que me foi imposto. Sou toda manchada.

Depois de desenvolver uma alergia que cobria meus braços, meu pescoço e minhas pálpebras, uma terapeuta me perguntou se eu gostava de menstruar. Fui sincera, disse que não, e ela rebateu com: “então não gosta de ser mulher?”, o que me deixou confusa porque *o que diabos isso tem a ver*. Mas eu refleti bastante por um tempo. Eu gostava de ser “mulher” (seja sincera, menina), mas não gostava de menstruar. E daí? Raramente se vai ouvir alguém dizendo que ama menstruar, e todo esse movimento do “sagrado feminino” só me fez querer me afastar mais ainda da minha feminilidade. Eu não queria ser percebida como alguém inferior ou boba, mas eu gostava de coisas bobas e me sentia culpada por isso. Nessa época eu

nem imaginava que o pior ainda estava por vir: além de ser mulher, eu *gosto* de mulheres. Que pesadelo.

Tá, né, se é assim que as coisas devem ser, então, como uma boa atriz, decidi interpretar esse tal papel de mulher. No ensino médio, ainda revoltada com minha própria existência, cansada de ser percebida como “louca” ou “instável”, ou como uma colega me disse uma vez: “de energia pesada”, tentei suavizar o meu visual. Parei de usar maquiagem tão preta, comecei a buscar roupas mais femininas, mas essa farsa caiu por terra rapidinho. Fiz amizade com uma menina muito parecida comigo em todos os aspectos, e por isso mesmo eu a detestava, apesar de ser minha melhor amiga. Eu sempre vivi esse padrão de ter uma grande melhor amiga, ser inseparável, mas sentir tanto ódio por essa pessoa que era difícil conter certos derrames de veneno, e, claro, a amizade se desconstruía dolorosamente até chegar à gota d’água. Eu achava que não me dava bem com mulheres, mas eu nem tinha amigos homens. Credo. Eles eram sempre tão idiotas e, o pior, nunca demonstravam interesse em mim, a gótica estranha que era amiga das meninas populares só porque se conheciam desde a infância. Eu era um fantasma. Queria ser percebida como bonita e desejável, mas era bem como um professor meu disse: “você se estraga”. E me estragava mesmo. Inconscientemente, eu não queria que me percebessem, eu não queria que olhassem para mim, e ao mesmo tempo sempre amei ser o centro das atenções. Vai entender.

Eu não entendia.

Mas sabe o que entendia?

Filmes de terror.

Eu depositava toda a minha ira naquelas personagens, queria ver o sangue, as mortes, sempre adorei uma boa cena grotesca, mas odiava qualquer coisa relacionada a sexo. Só a ideia de ser penetrada me causava calafrios, e eu fiquei até os 20 anos de idade chorando toda vez depois de ficar com algum menino. Hoje em dia me considero uma pessoa bem sexual, que não acha que está quebrada ou que falta algo em sua anatomia, que deve ter um parafuso solto ou algo do tipo. Bom, eu tenho uns parafusos soltos, mas não era por isso que eu me sentia violentada sempre que um garoto tocava em mim.

Entre meus 12 e 13 anos, não saberia dizer exatamente, eu vi *Garota infernal*. Caramba. Revolucionou a minha vida, tanto que estou aqui, mais de uma década depois, ainda obcecada por esse filme. Uma líder de torcida bissexual que matava meninos, meu Deus! Era uma delícia assistir. Alguns meses depois, vi que estava passando na televisão e acabei comentando com os meus pais que eu já tinha assistido. Eles viram um pouco comigo, mas ficaram horrorizados. Lembro muito bem o meu pai dizer: “filha, esse é o tipo de filme que

você gosta? Tem mulher com mulher!” E tudo que eu entendi naquele momento foi: “tudo bem matança e canibalismo, mas mulher com mulher... inviável.”

Ainda estou me resolvendo com minha feminilidade. Ainda odeio menstruar. Ainda fico com inveja de outras mulheres, às vezes me pergunto se gosto delas ou quero *ser* elas. Quando finalmente saí do armário, foi tanto libertador quanto horrível. Pensei que, então, eu não teria mais direito de usar meus delineados gráficos e vestidos pretos, porque lembrava muito bem a única outra lésbica assumida na minha escola, e ela era bem “masculina”. Tanto que, antes de tudo isso, lembro uma conversa que tive com minhas amigas, e as palavras que saíram da minha boca foram: “tudo bem gostar de mulher, mas se *eu* gostasse de mulher, eu não iria querer alguém que parece um homem. Eu iria querer uma mulher de verdade.” É engraçado perceber hoje como o conceito de “mulher de verdade” é muito mais complexo do que simplesmente usar vestido e passar delineador.

Eu gosto de me fantasiar de mulher de vez em quando. Passar muita maquiagem, por unhas postiças, mas me sinto mais confortável com meus blusões e a cara lavada, porque aí eu passo despercebida. No último ano do ensino médio, meus seios cresceram desproporcionalmente, tanto que com apenas 17 anos eu fiz minha primeira cirurgia de redução. Era pavoroso notar como as pessoas encaravam, como alguns meninos não falavam comigo me olhando nos olhos. Fiquei corcunda, e isso me rendeu cinco protusões degenerativas, uma hérnia de disco e uma baita dismorfia corporal. Eu sou o meu próprio *body horror*.

Dá pra imaginar, então, que era catártico assistir a esses filmes de terror em que mulheres não eram apenas as pobres vítimas, e sim os monstros, porque eu me sentia desse jeito — um monstro tenebroso, feio e deformado. Um monstro que sentia demais, que amava demais, que odiava demais, que precisava gritar, que não queria existir, que queria viver, que precisava escrever, que experienciava a vida através de livros, que sentia tanta raiva que poderia esmagar a cabeça de alguém no asfalto. Óbvio que eu era assim, nunca me disseram que as coisas ficariam bem. Ai, ai... adolecer é mesmo adoecer. E, olha, não me curei da minha monstruosidade, acho que nem pretendo. De vez em quando eu a tiro da jaula, visto a pele de lobisomem e crio as coisas mais bonitas e viscerais que já saíram de mim, mas ela está um pouco mais domesticada.

Menstruar, “monstruar”, nós passamos por isso porque é obrigatório. Mas não é a Maldição de Eva. Eva foi corajosa pra caramba ao morder aquela maçã! E, no fim de tudo, ela tinha que ter ficado com Lilith e não com Adão.

3 JÚLIA E JULIANA

<http://www.segundasmacabras.com.br>

AS GÊMEAS FREITAS: conheça as irmãs que chocaram o país.

As irmãs Mariano Freitas permaneceram em silêncio até os sete anos de idade, comunicando-se através de códigos que apenas as duas entendiam. A princípio o diagnóstico era incerto, mas qualquer um foi descartado quando Júlia e Juliana começaram a se comunicar normalmente com os colegas de escola e com a família, até mesmo um tanto mais eloquentes do que seria esperado de crianças dessa idade. Júlia, que nasceu três minutos antes da irmã, sempre teve mais desenvoltura para a área artística, enquanto Juliana se especializava em engenharia. Chega a ser engraçado como duas jovens tão diferenciadas e especiais, de beleza chamativa e extraordinária, possam ter nomes tão corriqueiros como Júlia e Juliana.

Apesar de desde novas apresentarem um comportamento distinto, nada na personalidade das meninas poderia ter sido interpretado como um sinal para o que estava para acontecer. Quando mentes tão sombrias são reveladas por trás de rostos inesperados, a busca sobre o passado e os traumas pelos quais as agressoras passaram tornou-se comoção nacional. A frustração, porém, é inevitável ao se perceber que o único evento de grande impacto na vida delas, pelo menos que esteja ao alcance dos investigadores, foi a morte do pai, Roberto da Silva Freitas, aos 56 anos em novembro de 2015. A mãe, Isabel Pereira Mariano, de 52 anos, não aceitou participar de entrevistas sobre o caso, apenas pronunciou-se para as autoridades sobre o assassinato do marido atual, padrasto das irmãs Freitas, Renato Henrique Junqueira de Abreu, de 43 anos.

Uma semana depois, os eventos que marcaram a Universidade de Brasília e comoveram o país ainda seguem um mistério, já que Júlia e Juliana Freitas se recusam a dar mais informações às autoridades.

Maria Luíza Trajano, de 24 anos, colega de faculdade de Júlia, disse que a amiga “era como qualquer outra jovem-adulta universitária”, mas que “já tinha agido estranho perto dos colegas e professores.”

“É horrível pensar que eu era próxima de alguém assim. Nunca achamos que essas coisas vão acontecer com a gente, não é?”, completou Maria Luíza.

Sendo tão recente, os pormenores do caso ainda não foram divulgados para a mídia, mas tenham certeza de que na próxima segunda-feira eu volto com mais informações!

Beijos assustadores,

Nati Trezza.

Blog *Segundas Macabras* por Natália Trezza

06/01/2020

18:38

“Morte e vida das hipóteses. Da equação *nós* parte do *Cosmos* ao axioma *Cosmos* parte do *nós*. Subsistência. Conhecimento.

Antropofagia.”

Manifesto Antropófago, Oswald Andrade

PARTE UM – SINTOMAS POSITIVOS

Capítulo 1.

É difícil dividir a própria vida em fases, capítulos, como se pudéssemos pegar esse ser vivo e esquartejá-lo, dividi-lo em pequenos retalhos quadrados para servir na mesa de jantar. Quando tudo já está cortado em cubos, a digestão é mais fácil. Mas não espere que essa história seja fácil de digerir, e tudo começou no dia 3 de agosto de 2019, quando Rodrigo reapareceu depois de três anos.

Eu estava com Malu na cabine acessível do banheiro feminino do bar pé-sujo ao qual eu tinha sido arrastada, quando, de repente, fui levada para o teto. Algo me agarrou pela cintura e me puxou para cima com tanta força que eu temi bater a cabeça. Não quis abrir os olhos, fiquei com medo do que poderia ver, medo da criatura que estaria sorrindo para mim com a boca sangrenta, rindo em deboche do meu horror. Meu corpo tremeu, no início como se estivesse sendo levado por ondas, depois me senti dentro de um casulo sendo remexido por um graveto. Meu pequeno corpo ficou menor ainda, e tentei abrir a boca para gritar, mas a escuridão me calou. Quando finalmente abri os olhos, eu estava na cama do meu quarto com as costas suadas coladas na blusa do pijama. Esse sonho viria a ser recorrente, mas aquela

primeira vez me deixou mais aterrorizada do que o Jason de Sexta-Feira 13, um filme que eu secretamente tinha assistido com Juliana quando éramos mais novas.

Mas não — aquilo não era um assassino em série fictício. Algo invisível me fez balançar daquela forma *tão* violenta que eu pensei de verdade que fosse esmagar meu rosto contra o teto. Ao abrir os olhos pela segunda vez, eu estava de volta ao banheiro com Malu me olhando.

— O que foi, mesmo? — eu disse, grogue, percebendo que ela tinha me feito uma pergunta.

— De novo isso, Júlia! — Malu reclamou, depois tragou longamente e jogou a bituca do cigarro na lata de lixo. — Às vezes nem parece que você tá aqui!

Você sempre estará aqui.

Diga para Malu que o sidecut ficou horrível. Diga a ela que o novo tom acobreado de ruivo ficou detestável. Vai, Júlia. Diga a ela.

Mas o cabelo da Malu está uma gracinha!

Mas se você disser que está feio, ela vai gostar mais de você. Vai gostar da sua honestidade.

Mas eu não estaria sendo honesta!

Chega de mas. Chega de—

— Gostei do novo cabelo — eu disse para minha amiga.

Malu levantou uma sobrancelha, interessada. Era engraçado como ela sempre combinava a sobrancelha com o cabelo. No ano anterior tinha cabelo roxo, então pintou a sobrancelha da mesma cor. Depois passou poucos meses com o cabelo e a sobrancelha azul, mas acabou cansando. Naquele momento, depois de não nos vermos por um mês por conta das férias do meio do ano, ela tinha aparecido ruiva num tom bem cobre. Também tinha raspado o lado esquerdo da cabeça.

— Obrigada. Falando nisso, como sua irmã reagiu ao seu novo corte?

Instintivamente passei os dedos pelos meus fios loiros-gema-de-ovo, deixando-os deslizar pelo comprimento fantasma que já se fora há dias desde que finalmente decidira cortar o cabelo. Eu ainda sabia se tinha gostado ou não, mas estava feliz pela mudança. Meu cabelo batia um pouco antes dos ombros.

— Nada. O que ela teria pra falar? Já desisti de mim há muito tempo — respondi.

Foi aí que abriram a porta do banheiro, que fez um estralo.

— Tem alguém fumando aqui?!

Eu e Malu nos entreolhamos e seguramos o riso. A pessoa bateu com força na porta da cabine.

— Não podem ficar aí! E se alguém com deficiência precisar usar o banheiro?!

Malu abriu a porta e me puxou pelo pulso, nem consegui ver quem estava reclamando com a gente, e corremos para o lado de fora.

Varri o local com os olhos atrás de Juliana, mas não a vi. Avistei seus amigos antipáticos, mas ela não estava junto. Provavelmente devia estar se pegando com um cara pelos cantos enquanto se embebedava sem parar. Minha irmã sabia que eu odiava quando ela bebia, até porque não *devia* beber. Juliana não ficava bem.

Antes de irmos para aquela calourada, depois do primeiro dia de aula do segundo semestre de 2019, eu e Juliana fomos juntas no mesmo carro para casa como de costume.

Assim que estacionamos, ela cruzou os braços e murmurou:

— Sabe, você gritou essa noite.

— Gritei?

— Sim, bem alto, acordou todo mundo. Não lembra?

Fiz que não, confusa. Mesmo no sonho, eu não conseguira gritar, não tinha como ter gritado de verdade.

— Só... tenta ficar de boa... — ela disse, revirando os olhos, desconfortável. — Antes que mamãe decida te internar de novo.

Tentei responder, mas Juliana saiu do carro no mesmo instante, batendo as sapatilhas cor-de-rosa no chão como se fosse dona de tudo. Nem ao menos me esperou.

Eu não saberia distinguir o jantar daquela noite dentre todos os jantares que tivemos naquele apartamento minúsculo desde que papai morreu e Renato veio morar com a gente. Todos eram iguais. Nosso padrasto se jogava preguiçosamente no sofá, abrindo as pernas e apoiando o prato de comida na barriga inchada de cerveja e porcaria; mamãe, tímida, sentava ao lado enquanto eu e minha irmã comíamos em silêncio na mesa da cozinha.

Renato adorava futebol mais do que qualquer homem heterossexual e branco de classe-média-baixa que eu já tinha visto em toda a minha vida. Ele até tinha tatuado o escudo do Flamengo no peito, mas mal dava para ver por baixo de uma camada grossa de pelos. Toda noite era isso: televisão ligada em algum canal de esportes, Renato berrando a plenos pulmões, mamãe carinhosamente pedindo para que ele abaixasse o volume e Juliana encarando o prato de comida como se fosse vomitar.

Aquele jantar poderia ter sido qualquer outro jantar de qualquer outra noite...

Mas não no dia 3 de agosto de 2019.

Eu não tinha ficado muito atenta às redes sociais durante as férias de julho, então Malu me avisou que Luíza e Fernanda tinham viajado para a Argentina. Quando voltamos à mesa, vi nos olhos delas que estavam se controlando muito para não falar sobre.

— Não me importo de conversar sobre a Argentina — comentei mais por obrigação do que honestidade, dando de ombros, o que fez os olhos de Luíza brilharem.

— Fê, conta! — ela disse, apontando para Fernanda, que não parecia tão animada assim.

— Ah, sabe, fomos para Buenos Aires e Bariloche, só.

— Gostaram de Buenos Aires? — perguntei.

— Sim, muito — Lu respondeu. — Lembramos da maioria das suas recomendações, mas não fomos ao cemitério.

— É, achamos meio esquisito — Fê completou.

— Qual é! É um ponto turístico! — exclamei. — Falei tanto do Recoleta pra vocês!

Malu revirou os olhos.

Eu sabia que ela só estava tentando me proteger, já que falar sobre o meu tempo na Argentina não me fazia muito bem, não depois de ter que voltar correndo porque meu pai tinha morrido.

O assunto morreu logo mais, e eu estava com dificuldade de entender o que elas falavam. Malu não desgrudava de um homem que nos apresentou como Saulo; negro, careca e alto demais. Escorada nele, ela sussurrava coisas carinhosas em seu ouvido, de vez em quando mordiscando a ponta da orelha como se estivessem sozinhos.

— Merda — Fernanda sussurrou ao meu lado depois de um tempo. — Aquele não é o ex-namorado da sua irmã?

Meu coração gelou, e, imediatamente, virei de costas.

Os cabelos loiros e a barba por fazer eram inconfundíveis, ainda mais com aquelas sobrancelhas pretas e grossas adornando um olhar desleixado. Sim, aquele era definitivamente o ex-namorado da minha irmã.

— Puta merda — murmurei entredentes, tão incrédula que eu não sentia que estava realmente ali.

— Não era pra ele estar, tipo, preso? — Malu questionou.

— Sim — quase rugi.

Voltei de frente para as meninas.

— Ele tá vindo pra cá?

— Não — Malu respondeu, acompanhando o movimento com os olhos. — Acabou de entrar.

Virei para trás mais uma vez e só pude ver o rastro de sua camisa amarela sumindo bar adentro.

Esfreguei as têmporas, nervosa.

— Tenho que achar a Juliana — anunciei, levantando, indo para o canto mais distante e menos barulhento possível.

Liguei o celular e digitei o número da minha irmã. Demorou demais, mas ela atendeu com a voz abafada.

— *Oi, oi, que foi?!*

— Onde você tá? — demandei, nervosa.

— *Saí um pouco, mas já vou voltar.*

— Você odeia calouradas. Não entendi por que veio.

— *Mas tô voltando já, já! Por que quer saber?* — Havia espinhos em seu tom.

— Porque... — como dizer a ela que o Rodrigo tinha simplesmente aparecido ali? — Porque eu tô indo pra casa e você ficaria sem carona, então fica aí que eu já tô voltando.

— *Ah, Júlia, vai pro inferno. Eu posso pegar um Uber de volta pra casa. Por que tá agindo estranho assim?*

— Porque...

Eu era quase incapaz de recitar as palavras “*o Rodrigo está aqui. O Rodrigo está solto*”.

— *Sabe de uma coisa? Não quero saber* — ela arfou contra o microfone, o que fez um chiado terrível, e desligou.

Encarei o chão até ouvir uma voz amigável e familiar atrás de mim.

— Tá tudo bem? — perguntou Fernanda.

— Tá sim — respondi, meio rouca. — É só que é estranho. Ele saiu mais cedo. E não devia estar aqui! Acho que não podem ficar em lugares que têm álcool ou algo assim quando estão na condicional, né?

Minha amiga deu de ombros.

Fernanda era realmente muito bonita, não tinha como negar. Sua pele era das mais escuras que eu já vira, e a boca cintilava com o *gloss* transparente sempre que falava. Fê também tinha uns olhos castanhos e cabelos crespos que formavam uma auréola ao redor de sua cabeça. Parecia um anjo caído.

— O que houve entre eles, afinal? — ela perguntou.

Balancei a cabeça.

— Não é minha história, então não sei se posso contar — respondi.

Ela anuiu, compreensiva, e abriu um belo sorriso.

— Não se preocupe com ele. Se quiser, podemos ir embora.

— Não, que isso, podemos ficar, eu só... — Respirei fundo. — Preciso ficar de olho nele. E na Juju. Ela disse que está voltando.

Fê arqueou uma sobrancelha, surpresa.

— Pensei que ela detestasse eventos sociais.

— Ela detesta. Por que resolveu escolher justo *esse* pra vir? — Joguei os braços para o alto, frustrada.

Minha amiga sorriu mais uma vez e passou um braço pelos meus ombros.

— Vamos voltar, conversar sobre outras coisas...

Caminhamos de volta para a mesa, mas eu estava visivelmente inquieta.

Ele vai te matar, sabia?

Desviei o pensamento, pois era apenas isso — um pensamento.

Ele vai matar toda a sua família.

— Cala a boca — murmurei com os lábios quase cerrados por baixo da respiração farfalhante, mas ninguém pareceu notar.

Observei, com a alma quase fora do corpo, minhas amigas conversarem entre si, interrogarem Saulo sem piedade, e rirem enquanto beliscavam uma porção de batata frita. Eu apenas bebia, e a cerveja amarga parecia especialmente insuportável naquele momento. Eu não lembro dos assuntos, não sei se falaram sobre a Argentina, mas pareciam ter esquecido da minha presença, eu estava ali apenas para observar. E *como* observava. De dez em dez segundos, olhava para onde Rodrigo havia sumido esperando que ele voltasse, que me visse e que partisse para cima de mim com uma faca. A visão quase me era palpável, e às vezes era preciso fechar os olhos para fazê-la sumir.

Mandei várias mensagens para minha irmã, que nem as visualizou. Procurei por ela mais uma vez, trêmula, esperando achá-la para que eu pudesse mantê-la a salvo. Aquele maluco nunca mais tocaria nela, nem mesmo sobre o meu cadáver. Eu voltaria para assombrá-lo, assim como ele assombrava a minha irmã há anos.

— Vamos fumar — Malu disse depois de um tempo, me chamando.

Voltando à realidade, fiz que sim e acompanhei até a calçada. Sentamos uma do lado da outra com os joelhos se tocando. Ela me ofereceu um cigarro e o acendeu com o isqueiro.

— Você está bem longe daqui, não está? — perguntou.

Cociei a lateral da cabeça.

— Acho que sim.

— É por causa do ex-detento?

Soltei um riso abafado.

— Sim. Talvez.

Traguei profundamente e deixei a sensação aliviar um pouco o estresse.

Malu pôs o dedão na boca, roendo a unha, hábito terrível que eu sempre pedia para que ela parasse, mas não o fiz naquele momento.

— Quando ele foi preso, mesmo?

— Em 2016.

— Relaxa — ela tentou me tranquilizar, apoiando a cabeça no meu ombro.

Inspirei o perfume doce demais que ela sempre usava.

— E aquele cara, hein — impliquei, dando um peteleco no nariz dela.

Malu riu e levantou a cabeça para me olhar.

— O Saulo! É uma graça, conheci no Tinder. Ele se formou no ano passado.

— Ele é bonito mesmo. Tão se falando há quanto tempo?

— Desde o meio das férias. Mas não tá rolando nada sério, óbvio, só o trouxe hoje porque deu vontade, sabe?

Sorri, mas fiquei com a cabeça levemente tonta. Isso acontecia sempre quando Malu me apresentava um peguete novo. Ninguém era bom o suficiente pra ela. Não Matheus, não Fabrício, não Lucca, não João Pedro e nem Saulo. Não se eu pudesse intervir. Mas aqui estava eu, novamente, sentindo a necessidade de proteger todos que eu amava. Protegê-los até virarem pó. Até eu desaparecer.

Você vai desaparecer. É inevitável. Todos desaparecem algum dia, e você não vai ser exceção. Você não é especial, Júlia. Você é uma impostora. Uma fraude. Um fracasso. Você não consegue ao menos se sentir segura, como vai proteger Malu ou Fernanda ou Luíza? Como vai conseguir proteger qualquer pessoa? Não vai conseguir proteger sua família, muito menos Juliana. Sim... Juliana está sempre em perigo, e não há nada que você possa fazer para evitar. Ela vai desaparecer, pois vão roubá-la de você. Algum dia você estará dormindo, e alguém escalará até o quarto de Juliana e irá roubá-la, matá-la, levá-la para longe, tão longe que você jamais será capaz de achá-la. Você não conseguirá protegê-la. Você nem consegue proteger a si mesma! Você é uma impostora. Você é uma mentirosa. Quantas vezes já mentiu para proteger quem ama? Quantas vezes já mentiu sobre si mesma

para agradar a sua irmã? Você é uma fraude. Um fracasso. Você é uma impostora. Você não consegue nem proteger a si mesma. Muito menos Juliana.

— Júlia?

Percebi que estava fechando os punhos com muita força.

— Foi mal — sussurrei.

Não conseguia tirar a imagem de Rodrigo partindo para cima de mim. Ele estava ali do outro lado da rua, sorrindo, com sangue encharcando suas roupas, e eu quis gritar. Apenas pisquei, e logo mais percebi que, do outro lado da rua, Rodrigo nunca havia estado.

— Isso tá uma merda — Malu disse, suspirando.

Olhei para ela.

— O quê tá uma merda?

— *Isso*. Lembra no ano passado quando um cara escalou o semáforo, caiu e quase morreu?

Fiz que sim, pois tinha sido uma das experiências mais assustadoras da minha vida.

— Sinto falta disso.

Soltei um riso engasgado.

— De alguém quase morrer?

Malu riu e bateu no meu ombro com o seu próprio. Ficamos em silêncio por alguns minutos. Silêncio por fora, claro. Nunca era silencioso dentro da minha cabeça.

— Preciso encontrar minha irmã — eu disse finalmente.

Malu assentiu e jogou o cigarro no chão. Eu odiava quando ela fazia isso, mas não reclamei.

— Eu te ajudo.

Caminhamos juntas pelo recinto e demoramos quase vinte minutos até encontrar Juliana. Ela estava em uma mesa mais distante, virando um copo de cerveja enquanto os amigos comemoravam. Agia estranho, não costumava se vestir daquele jeito, e eu tinha quase certeza de que tinha trocado de roupa. Ou seja, provavelmente foi transar com um cara e roubou a roupa dele. Clássico. Ela nunca prendia o cabelo, mas tinha feito um coque no topo da cabeça, e um moletom largo a cobria.

— Juliana — chamei quando cheguei perto.

Minha irmã virou o olhar para mim, claramente bêbada, e fechou a cara.

— Chegou a chata — anunciou. Todos à mesa me encararam.

Abri um sorriso envergonhado.

— Vamos embora — pedi.

Ela riu, debochada.

— Gente, essa é a minha irmã *gêmea* — apresentou, levantando para me abraçar. — A Júlia! Ela é *três minutos mais velha* e acha que pode mandar em mim!

Malu pigarreou, desconfortável, e desgrudou minha irmã do meu corpo.

— Vai com ela — Malu incentivou.

Juliana praticamente rugiu:

— E essa é a amiga *mais chata ainda!* Que não gosta de mim e me olha feio sempre quando estou perto!

Apertei a ponte do nariz, buscando paciência.

— Juliana, para — Amanda, outra amiga do curso dela, disse seriamente.

Essa tinha um corte chanel que não favorecia o rosto quadrado demais e uma franja grossa que cortava a testa larga. Os olhos verdes-esmeralda eram bonitos, porém.

— Vamos — repeti, agora mais dura, puxando Juliana pelo braço.

— Tá bom, tá bom... — Ela cambaleou. — Tchau, meus queridos! Estou sendo levada para o quartel militar!

Malu me ajudou a levá-la até o carro e pôs o sinto de segurança em Juliana, que agora, enfezada, sussurrava para si mesma. Agradei minha amiga e dei partida, pedindo silenciosamente para não ser parada por uma blitz. Só queria estar o mais longe possível dali.

— Eu estava me divertindo, sabe — Juliana arrastou as palavras.

Olhei para ela de soslaio.

— O que tá vestindo? Cabem três de você nessa roupa.

— Ah, como se *você* pudesse falar alguma coisa — ela retrucou.

Ficamos caladas o resto do caminho.

O mais silenciosamente possível para não acordar nossa mãe e o inferno do nosso padrasto, levei Juliana para o quarto e a pus na cama, cobrindo-a com um lençol.

— Você age como se mandasse em mim — ela sussurrou.

Levantei as sobrancelhas.

— Aham, tá.

Tirei seu moletom e a ajudei a tirar o sutiã.

— Não precisa me tratar como uma criança — minha irmã continuou. — Acha que não sei por que não queria que eu voltasse?

Gelei.

Ele vai matá-la. Vai matar Juliana.

Não respondi.

— Tenho amigos, sabe, por incrível que pareça! E Cássio me avisou! Sei que Rodrigo foi solto.

Parei o que estava fazendo e apenas a encarei.

— Ele foi solto há dois meses — Juliana finalizou.

— *Quê?* Por que foi solto tão mais cedo?

Juliana se debateu contra meu toque, resmungando.

— Não saiu mais cedo, Júlia, se liga! Ele foi preso em 2016, cumpriu três anos e agora saiu! *Saiu!* Rodrigo tá solto por aí. — Tinha tanto desespero em sua voz que ela riu. Riu mesmo, chegou a gargalhar, e eu tive que cobrir sua boca com a mão. — Ele tem me enviado mensagens... — minha irmã murmurou ao se desvencilhar de mim.

— *Quê?!* — me indignei mais uma vez. — Juliana, por que você não me contou isso?!

— Porque eu sabia que você ficaria justamente assim! E ele é inofensivo, ok? As mensagens são *inofensivas!*

Agarrei seu pescoço e deslizei o indicador pela cicatriz esbranquiçada no lado esquerdo.

— Tão inofensivo que quase a degolou! — exclamei mais alto do que o pretendido.

Juliana ficou em silêncio, e lágrimas brilharam em seus olhos.

— Juju, existe uma ordem de restrição — continuei. — Ele não está cumprindo, precisamos ir à delegacia.

Ela agarrou meus pulsos com força, me olhando com tanta intensidade que me afastei.

— *Não.* A polícia não.

Balancei a cabeça, confusa.

— Depois você reclama que eu te trato como criança. Eu apenas *te amo*, sabia? Te amo pra caralho e não quero que Rodrigo chegue perto de você de novo!

Ela me soltou e deitou a cabeça no travesseiro, espreguiçando-se, mas logo voltou a me encarar.

— É por isso que você não namora? — questionou, os olhos maquiados delineando-se como os de um felino, a boca tomando a forma de um coração. — Porque me ama demais?

Apenas a encarei, perplexa, e respirei profundamente.

— São tipos diferentes de amor, Juliana — respondi.

Ela riu e umedeceu os lábios com a ponta da língua afiada.

— Então por que não namora? — insistiu, as palavras tão trôpegas que mal eram entendíveis. — É porque você é sapatão?

O mundo parou ao meu redor, e eu não fui capaz de responder. Os pensamentos frenéticos continuaram a gritar contra mim e tive que pôr as mãos nas orelhas, tentando afastá-los.

— Veja só como está. — Minha irmã não teve piedade. — Todos dizem que você é sapatão. Desde o ensino médio, sabia? Cássio diz que você é sapatão. E você *parece* sapatão. Você é sapatão, Júlia?

O jeito que ela repetia aquela palavra soava como a pior das ofensas, como se tivesse a intenção de me magoar de forma irreparável.

— Você precisa dormir — sussurrei. — Sabe que não pode beber.

Juliana riu mais uma vez.

— Mandando em mim novamente — murmurou ao fechar os olhos. E riu. Riu como se aquilo fosse mesmo engraçado. — Minha irmã... — Agora quase gargalhou. — Minha gêmea... que quer mandar em mim. Quer mandar em mim desde que nascemos... quer me deixar bem quietinha... Quer que eu...

Mas eu já tinha saído e fechado a porta atrás de mim.

Só consegui dormir quando o sol nasceu.

Encarei Juliana enquanto ela passava manteiga no pão francês no café da manhã do dia seguinte. Depois depositou a faca de lado, e eu afastei, deixando aquela faca o mais longe possível da minha irmã.

— Você lembra do que me disse ontem? — perguntei com raiva.

Ela levantou os olhos vermelhos para mim, de ressaca e mau humor, e resmungou:

— Não lembro de ontem.

Respirei profundamente, lutando contra o tremor dos meus lábios.

— Disse coisas muito más.

Ela debochou com um ganido meio risada.

— Eu sempre digo coisas más pra você, irmã — respondeu.

Encarei-a por mais um tempo, nem mesmo tocando no meu café.

— Por que você acha que eu não namoro, Juliana?

Ela arqueou as sobrancelhas, parecendo se divertir com aquela pergunta, mas logo voltou a atenção ao leite com Nescau que tinha preparado para si.

— Porque você não consertou a porra do nariz.

Capítulo 2.

Estiquei minha pele em frente ao espelho da cabine acessível do banheiro feminino, junto com Malu, que estava cercada pela fumaça do cigarro. Eu nunca passava maquiagem para ir para a faculdade, mas dessa vez tinha contornado o nariz. Ficou horrível, era como se eu tivesse esfregado barro no rosto.

— Meu nariz é feio? — perguntei.

Malu franziu a testa e se aproximou, olhando o meu reflexo enquanto me analisava.

— Não — ela concluiu. — É um nariz normal.

— Não é, não. Olha, é torto pra esquerda. — Virei de perfil. — E assim dá pra ver que tem um calombo enorme.

Malu chegou bem perto e estreitou os olhos.

— É normal, Júlia. Combina com o seu rosto.

Saí da frente do espelho e sentei no chão.

— Minha irmã disse pra todos que ia fazer uma cirurgia de desvio de septo tem uns quatro anos — comentei. — Mas era mentira. Ela fez rinoplastia.

Malu riu.

— Eu lembro. Ela ficou parecendo o Michael Jackson por três meses.

Rimos juntas. Sim, as narinas ficaram triangulares até tudo se assentar. Mas ficou bonito, claro. Juliana era uma versão bonita de mim em todos os aspectos, desde o corpo delineado por frequentar a academia todos os dias até as unhas alongadas com gel. As minhas eram curtas, não roídas como as de Malu, mas sempre quebravam quando a parte branca começava a crescer.

As aulas pareceram se arrastar naquele dia, e apenas quando saímos para almoçar no restaurante universitário que percebi a agitação na faculdade. Fernanda nos encontrou correndo, pois não fazia aquela última matéria com a gente, e soltou, arfando:

— Uma caloura de engenharia elétrica, Cecília alguma coisa, foi encontrada morta ontem! Acreditam? A menina acabou de se mudar pra Brasília pra estudar aqui, alugava uma kit sozinha e tinha só 18 anos! Tadinha! Foi encontrada toda esfaqueada, tinha sangue por todos os lugares, e como morava sozinha e era nova, ninguém deu por falta. Só depois dessa última semana que a família resolveu contatar a polícia porque ela não respondia as mensagens, e um vizinho reclamou do mau cheiro. Invadiram a kit e, mano!, a bichinha tava lá toda retalhada. Eles não acharam a arma do crime, mas deve ter sido uma faca de cozinha comum. Imagina morrer assim? Esfaqueada por uma mera faca de cozinha, que desespero! Não acharam nada que pudesse incriminar alguém, mas é óbvio que não foi caso de suicídio!

— ela retomou o fôlego, apoiando-se nos joelhos depois de praticamente vomitar um monólogo.

Eu não soube o que dizer, mas minha mente fez um giro, saltou, me levou para o teto, e eu quase gritei, mas quando voltei ao meu corpo, apenas consegui pensar em uma coisa.

Ele vai matá-la.

Rodrigo vai esfaqueá-la e vai matá-la.

Juliana cursava engenharia elétrica. Ele estava cada vez mais perto.

Em casa, minha irmã estava mais calada do que o normal, remexendo a comida no prato durante o jantar. Eu até tentei puxar assunto sobre a menina morta, mas Juliana parecia desorientada demais para comentar. Era sua caloura, afinal, e elas tinham se conhecido na calourada.

— Ela era uma gracinha — foi a única coisa que me disse. — Tinha as pontas do cabelo pintadas de azul.

Não sei se estávamos pensando a mesma coisa; se sim, minha irmã não demonstrou, e eu não quis forçar a barra.

Mas ela estava, claro. De dez em dez minutos, checava o celular para ver se tinha recebido novas mensagens. Mensagens *dele*. Ela viveu com esse medo até o fim, mesmo atrás das grades, mesmo teoricamente à salvo. Foi só assim que consegui salvá-la. Foi o único jeito.

Acordei com dor de cabeça naquele domingo. Demorei para levantar da cama, cedi quando a pressão na bexiga já estava insuportável. Esfreguei os olhos, encarando meu reflexo turvo no espelho sujo, e escovei os dentes com força demais, fazendo as gengivas sangrarem. Me permiti tomar um banho quente e demorado, usando o esfoliante corporal que Juliana deixava no box do banheiro. Só saí de casa quando não havia mais ninguém na sala de estar.

Téo passou o beck para Vanessão e suspirou.

— E aquele caso da menina lá — ele disse, esticando as pernas e apoiando o pé na mesa de centro. — Da UnB. Que morreu, sei lá.

Olhei para os meus amigos do ensino médio, os únicos que tive durante aqueles três anos horríveis. Todo primeiro domingo do mês nos reuníamos no porão da casa de Vanessão para fumar e falar besteira. Além desse momento, mal tínhamos contato. Téo não tinha redes sociais, Gui trabalhava a semana inteira e Vanessão demorava dias para responder mensagens. Eu não corria atrás, não fazia sentido. Nossa amizade só existia por conta da escola, pois eu não me via sendo amiga de dois caras heterossexuais e galinhas. No ensino médio éramos um

grupinho excluído, mas, assim que saímos, Téo e Gui encorporaram e ficaram bem gostosos. Eu continuava basicamente a mesma, só com o cabelo mais curto. Vanessão tinha ganhado muito peso e raspado a cabeça.

— Nossa, eu li sobre — minha amiga comentou, depois passou o beck para Gui.

— Era do curso da sua irmã, né? — Téo continuou, parecendo curioso, olhando para mim. — Elas se conheciam?

— A menina era nova — respondi. — Mas Juliana a viu na calourada.

— Que barra — Gui disse, então me passou o beck.

— Mano, divulgaram as fotos da cena, né... — Téo pegou o celular e digitou algumas coisas. — Caramba, fiquei transtornado. Olha só. — Ele me ofereceu o celular.

— Se você ficou transtornado, por que acha que eu *quero* ver isso? — indaguei.

Ele sorriu e ofereceu o celular novamente.

— Ah, tá bom — cedi, curiosa.

De fato não era agradável de se ver. A vítima estava de barriga para cima, óbvia e totalmente morta, em cima dos lençóis rosa-claros da cama, sem blusa, apenas de sutiã. A barriga nem parecia mais algo humano de tão destroçada que estava, era tanto sangue coagulado e quase preto que não dava para entender o que tinha acontecido ali. Também tinha facadas sangrentas nas coxas avantajadas (Cecília era gorda, menos que Vanessão, mas ainda assim bem gorda), nos braços e um longo corte no rosto. Imaginei aquilo sendo feito com uma pequena faca serrilhada e senti calafrios. Como minha irmã tinha comentado, sim, Cecília tinha as pontas dos cabelos azuis, mesmo entre o sangue dava para ver, e seu rosto estava contorcido em uma expressão de puro terror, como se pudesse gritar a qualquer momento. Mas ninguém queria ouvir um cadáver gritando, certo?

A imagem de Cecília gritou para mim de qualquer forma, e eu devolvi o celular.

— Quero ver — Vanessão pediu. A imagem rodou por todos.

— Credo — Gui soltou, abraçando o próprio corpo. — Que horror.

— Você sempre gostou de ver esses detalhes mórbidos, né, Téo? — Vanessão disse, chutando as pernas dele pra fora da mesa.

Ele deu de ombros.

— Eu gosto de crimes reais, fazer o quê?

— Psicopatinha — Gui implicou, e todos rimos.

— A Júlia teve essa época também — Vanessão continuou. — Lembram que ela passava a aula toda pesquisando sobre crimes reais, até viu uns vídeos sobre psicopatologia e obrigou a gente a assistir àquele documentário sinistro do cara canibal?

— Sim, o que tentou transformar as vítimas em escravos sexuais — Gui lembrou, passando os dedos entre os cachos.

— Já passei dessa fase — interrompi, desconfortável com o assunto.

— É o jeito que a gente inventa de lidar com a morte — Téo disse. — Não é que eu queira que essas coisas aconteçam, mas elas acontecem, então eu quero saber sobre. Elas existem, né não? E me assustam muito mais do que filmes de fantasmas.

Vanessão fechou a cara — ela detestava filmes de terror sobrenatural.

— Só espero que a família dessa menina encontre conforto — Vanessão concluiu.

— Depois disso aqui? — Téo balançou o celular. — Tá maluco... eu ia ficar bugado pro resto da vida.

— É — resolvi dizer. — É, eu também. Espero que encontrem o culpado.

— Vão achar — Gui disse. — Sempre acham.

— Isso não é verdade — Téo retrucou. — Existem vários casos em aberto, tipo do Jack, o Estripador.

— Isso porque foi em 1800 e bolinha! — rebati.

— Querem saber sobre crimes reais brasileiros? — Téo abriu um sorriso.

— Não — respondemos em uníssono.

— Tá, vou começar pelo Maníaco do Parque...

Na segunda-feira, o assassinato da caloura de engenharia elétrica ainda era o principal assunto pelos corredores da faculdade.

— Vocês não têm medo? — Luíza perguntou baixinho quando estávamos almoçando.

— Do quê?

— De isso virar um padrão. Imagina se o assassino mata mais alguém...

— Você tá vendo muitos filmes — Malu interrompeu, pegando um pedaço grande de alface e enfiando na boca de um jeito nada educado.

— Na verdade essas coisas acontecem com muito mais frequência do que parece — comentei.

— Mas, tipo, lá nos Estados Unidos — Malu retrucou.

— Não, aqui também. Como o Maníaco do Parque.

Todas pararam o que estavam fazendo e me lançaram olhares confusos. Dei de ombros.

— É que a gente sempre imagina que essas coisas estão longe, né? Que são de filme ou sei lá. Mas aí aconteceu aqui, bem perto — Luíza disse.

— É — Fernanda concordou, estremeçando.

— Ai, gente — Malu jogou os talheres no prato, que tilintaram audivelmente. — É só a gente ter o básico de cuidado que vamos estar seguras.

Fernanda concordou novamente, dessa vez com a cabeça.

Eu queria acreditar que sim, mas ver Rodrigo no bar aquele dia me fez perder a fé de que ficaria tudo bem. Não que eu pudesse ter certeza de que era ele por trás do assassinato, mas seria muita coincidência, não? Querer esfaquear uma aluna de engenharia elétrica. Balancei a cabeça, tentando espantar esse pensamento ruim, e voltei a comer.

Durante as semanas que seguiram eu mal interagi com minha irmã. Nosso contato se limitou às caronas de volta para casa, e ela passava o resto do dia trancafiada no quarto. Aos poucos o terrível assassinato foi se apagando, virando apenas sussurros por aqui e ali, até ninguém mais pensar no que tinha acontecido. A vida de todo mundo seguiu, porque é isso que acontece quando alguém morre. O sol ainda nasce e se põe. As pessoas ainda vão trabalhar. Propagandas passam na TV entre um noticiário e outro. Mas Juliana estava diferente, isso era inegável. Quando perguntei a ela o que estava acontecendo, apenas me respondeu que havia menstruado, e eu tinha plena consciência do monstrego que ela virava quando o sangue descia.

Juliana menstruou cinco anos antes de mim. Foi mais ou menos nessa época em que paramos de tomar banho juntas, em que ela começou a trancar a porta do quarto que dividíamos quando ia trocar de roupa, e que pediu sutiãs de aniversário. Tínhamos 11 anos e ainda morávamos na casa antiga, não nesse apartamento apertado. Enquanto ela ganhou tais sutiãs, eu ganhei um diário da Hannah Montana. Os quadris vieram primeiro, acompanhados de um bumbum redondinho e firme que eu tanto invejava, mas os seios de Juliana só cresceram mesmo quando completamos 14 anos de idade. Eu ainda não havia menstruado aí, e só viria a ter minha menarca dois anos depois.

Ai, como Juliana era linda, como era angelical com os cabelos loiros (que ela fazia questão de enrolar apenas as pontas com *babyliss*), como seu rostinho era rechonchudo e os olhos grandes, azulões, como ela era perfeita... a não ser pelo nariz, claro. Juliana, assim como eu, tinha o nariz bem latino igual o nosso pai (e essa era a única característica que tínhamos puxado dele. De resto, éramos praticamente a cópia cuspida da mamãe). Minha irmã passava sombra no nariz para tentar escondê-lo um pouco quando se maquiava para ir à escola, mas não dava muito certo. A frustração de Juliana era uma delícia para mim, a gêmea imperfeita que não servia nem para segundo lugar. Como pode, assim, elas serem iguais e ao mesmo

tempo tão diferentes?, os nossos colegas de escola se perguntavam, ou às vezes até tomavam a liberdade de *nos* perguntar. Com “diferentes” eu sabia que queriam dizer que Juliana era muito mais bonita, mais legal, mais estilosa, que seu cabelo tinha mais brilho, e sua pele, mais viço. Ela não passou pela acne adolescente que eu tive que enfrentar quando menstruei aos 16 anos. Aí sim meu corpo se desenvolveu, mas não como o da minha irmã, claro. Cresci alguns centímetros além, minhas extremidades ficaram desproporcionais, a boca muito fina comparada com minhas outras feições. Em outras palavras, eu era a versão que deu errado.

Só fui entender a raiva da Juliana quando eu mesma menstruei. Uma raiva que ela guardava só para si, mas não tinha como escapar de mim. Dividíamos o mesmo quarto, as mesmas roupas, os mesmos produtos de cabelo, absolutamente tudo até Juliana decidir que tinha se cansado. Que minhas roupas ficavam pequenas nela, que minhas blusas já estavam fora de moda, que meus tênis eram sujos demais. Ela tentava esquecer, porém, que nós nunca deixaríamos de dividir a mesma mente. Era justamente por isso que eu precisava me anestésiar quando queria fazer coisas que Juliana não aprovaria — que ela jamais, sob hipótese alguma, poderia saber.

Todas as madrugadas na balada eram borrões para mim. No máximo conseguia lembrar da primeira droga e das carreiras de cocaína, mas as memórias se dissolviam como aquele pó branco. As vozes paravam. Era tão bom ficar no silêncio, mesmo com a música eletrônica pulsante que fazia meus órgãos pularem; naquele caos, eu ficava na melhor quietude que me era garantida. Tudo se misturava em uma névoa de pirulitos, água gelada e solidão. Era tão bom ficar sozinha, mesmo cercada por centenas de pessoas. Mesmo sentindo a pele escura de Rebeca contra a minha, mesmo quando provava de seus lábios carnudos, mesmo quando, depois do amanhecer, ela me levava para o seu apartamento e passávamos horas transando. Foi com uma menina chamada Antonelle, na Argentina, que aprendi a fazer amor. Mas foi com Rebeca que aprendi a foder.

Quando bati os olhos nela pela primeira vez, em 2018, depois de passar anos de coração partido por ter sido obrigada a voltar mais cedo do meu intercâmbio e abandonar um amor, senti algo crescer em meu âmago mais uma vez. Rebeca era simplesmente a menina mais bonita que eu já vira. Trocamos olhares em uma balada poucas semanas depois de eu começar a frequentá-la, e ela veio falar comigo quando fui pegar mais bebida. Rebeca me ofereceu um pirulito, disse que podia notar que minha mandíbula estava tensionada demais e que isso me machucaria, e fiquei encantada pelo sorriso confiante, pelos olhos verdes e pelas tranças vinho-escuras. Eu aceitei, então conversamos na área de fumantes por um bom tempo

até ela me beijar. Nos beijamos indecentemente ao ponto de os seguranças reclamarem. Fui embora sem ela, mas não depois de salvar seu número no celular.

Aquele foi o início do meu fundo do poço, o início de um vício que me consumiria pelo ano seguinte. Só resolvemos namorar depois de sete meses de transas esporádicas, e Rebeca ainda ficava frustrada pelo fato de eu não ser completamente assumida.

— É difícil. — Perdi as contas de quantas vezes disse isso, mas ela contra-argumentava que não poderia ser *tão* difícil assim, não quando eu já tinha dito que a amava, e não quando já estávamos namorando há tanto tempo.

Eu sempre prometia que, no fim daquele mês, contaria pelo menos para minhas amigas da faculdade, mas não conseguia. Juliana ficaria sabendo se eu contasse para mais pessoas, então minha mãe saberia e, pior, Renato. Ele era abertamente homofóbico, machista e racista. Como iria apresentar minha namorada negra para ele sem ser expulsa de casa? Sim, eu era uma covarde, mas não tinha vergonha de Rebeca, apenas medo de minha mãe ficar do lado do marido idiota. Eu não seria capaz de lidar. Não quando meu pai tinha sido um homem gentil e mente aberta. Talvez aquele fosse o fundo do poço da minha mãe.

Igual a todo sábado de tarde, acordei enroscada no corpo de Rebeca, que dormia. Minha língua estava dormente, e parecia que um caminhão tinha me atingido de tanta dor de cabeça. Sim, eu com certeza tinha exagerado na noite anterior até mesmo para o meu padrão. Rebeca respirou, soltando o ar com delicadeza, e abriu os olhos, flagrando que eu a observava. Ela sorriu e se espreguiçou, depois me abraçou e beijou o meu pescoço.

— Bom dia, meu amor — sussurrou contra a minha pele, o que me fez arrepiar.

— Mais para boa tarde — respondi, pois já eram 15h30.

Ela riu e raspou os dentes da frente na linha da minha mandíbula. Estremeci.

— Não vai sair correndo hoje, vai? — Ela levantou a cabeça para olhar para mim.

— Preciso voltar para casa, você sabe.

Rebeca revirou os olhos e levantou da cama, espreguiçando-se mais uma vez.

— Previsível — disse, bocejando. — Pelo menos vamos tomar um banho juntas.

Depois do banho, comemos os restos de pizza que ela tinha na geladeira. Eu troquei de roupa (sempre deixava uma mochila em seu apartamento) e esfreguei o rosto até sair toda a maquiagem que o banho não tinha tirado. Rebeca ainda estava nua, agora jogada no sofá, e arqueou as costas quando eu avisei que precisava ir.

— Fica mais... — pediu com um biquinho. Eu queria ficar, claro, mas apenas a beijei e saí pela porta.

Como sempre, meu carro estava no estacionamento da balada, e peguei um Uber até lá. Dirigi para casa já sentindo as vozes voltarem. Quando eu estava com Rebeca, elas paravam. Talvez por isso eu fosse tão viciada em seu cheiro e em sua presença... e ela nunca havia reclamado do meu nariz.

Entrei em casa e encontrei Renato esparramado no sofá, cochilando. Segui para o meu quarto. Me joguei na cama, pensativa, sabendo que logo mais as vozes voltariam. Elas não tardaram, já vieram povoar o meu crânio em um eco sombrio e doloroso. Tomei três dipironas para calá-las, e até ajudaram com a dor de cabeça, mas nada parava as vozes — não depois que eu saí da internação naquela última vez na adolescência e parei de tomar os remédios. Eles me deixavam diferente, avoada, e eram drogas piores do que qualquer uma que eu já havia usado na balada. Às vezes eu até esquecia quem eram as pessoas ao meu redor, ou achava que ainda tinha oito anos e acabara de ver o corpo dilacerado do Pipoca, nosso golden retriever, na rua. Logo depois daquilo minha mãe resolveu me internar pela primeira vez. Meu pai foi contra, mas a palavra dela foi a final.

— Sua filha está bem — disse a psiquiatra depois de cinco meses. Eu já tinha completado 9 anos de idade. — O tratamento pode ser seguido em casa.

Voltar para a vida real não foi fácil. Esqueci como falar quando vi Juliana pela primeira vez depois daqueles meses. Ela nunca fora me visitar. Tentei me comunicar com nossos códigos, com os gestos e os símbolos desenhados, mas ela se negou a responder. Só queria falar comigo quando eu “voltasse ao normal”. Então eu voltei. Voltei ao normal para sempre. Tudo porque não suportaria que Juliana me abandonasse, não depois de tudo que eu fiz por ela. Voltei ao normal e fingi que tomava os remédios até completar 18 anos, quando meu pai morreu, e minha mãe pareceu se esquecer de mim.

Ela sempre teve vergonha da filha maluca, claro. Quem não teria? Então se casou com Renato, que não fazia ideia que vivia sob o mesmo teto que uma adolescente completamente insana, e aos 21 anos decidi parar de ir ao psiquiatra. Minha mãe não foi contra. Juliana foi.

Ele vai matá-la.

— Não vai — eu disse em voz alta, encarando o teto contra o qual eu quase fui esmagada na semana anterior.

Haha, a voz ressoou em todo o meu corpo. Ah, se vai.

Capítulo 3.

Minha grande briga com a Rebeca aconteceu pouco depois do segundo assassinato.

Outra menina da UnB, de 23 anos, estudante de biotecnologia, foi encontrada morta pela colega de apartamento em uma quinta-feira. Ela tinha ficado em casa para estudar enquanto a colega tinha saído com o namorado. Quando voltou, por volta de uma da manhã, a amiga estava morta no banheiro. Alguém tinha cortado sua garganta com uma faca de cozinha e jogado seu corpo com força contra o mármore do vaso sanitário, o que a fez perder muito sangue pela ferida aberta na testa. Essa menina, Ingrid, ficou tão desfigurada que seu velório foi com o caixão fechado, e sua família não quis dar depoimentos para a mídia.

Dois são coincidência, certo?

Apenas três formam um padrão.

De novo o assunto corria quente pelos corredores de todas as partes da universidade. Crimes assim não aconteciam com tanta frequência na quadrada Brasília. Femicídio? Sim, o tempo todo em todos os lugares, mas sempre tinha um culpado. Agora duas universitárias degoladas e brutalmente mortas na tranquilidade de seus apartamentos, e ainda mais sem um suspeito sequer... definitivamente raro. Pelo menos desde o assassinato da filha do diretor de uma das escolas particulares mais caras da cidade há mais de uma década. Ela também estudava na UnB.

Voltando para casa, Juliana não parava quieta sobre o assunto, tinha desenvolvido mil teorias.

— Me lembrou o Pipoca — ela disse.

Isso quase me fez bater o carro.

— Por quê?!

— Porque ele foi o único ser na minha vida que morreu de um jeito sangrento assim. Papai teve um AVC, não teve muitas consequências externas.

— Pipoca era um cachorro, Juliana.

— Eu sei, não tô querendo comparar — ela respondeu. — Só tô dizendo que me lembrou.

Suspirei.

— E você lembra de mais alguma coisa daquele dia?

— Que o Pipoca foi atropelado?

— É.

Ela parou para pensar, mas depois balançou a cabeça.

— Lembro que o motorista morreu também. Passar por cima do Pipoca o fez perder o controle, aí bateu contra um portão, o airbag abriu, mas algo fez o assento dele ir pra frente, o que o prendeu contra o airbag e ele morreu asfixiado. Foi isso, não foi?

Fiz que sim. Normalmente ela lembrava menos daquele dia, e essa súbita clareza me preocupou.

— Imagina ter oito anos e ver uma coisa dessas. Não me impressiona você ter pirado — ela concluiu.

Revirei os olhos. Minha irmã sempre dava um jeito de trazer esse assunto à tona.

— Não foi *isso* que me fez “pirar” — meu tom desenhava aspas ao redor da palavra. — E você bem sabe.

Ela riu baixinho.

Ao chegarmos em casa, mamãe estava sentada ao lado do idiota do Renato, apoiando a cabeça em seu peito cabeludo, e sorriu quando nos viu. Ele já estava almoçando e nem nos cumprimentou. Na cozinha, depois de termos feito os nossos pratos, Juliana pigarreou e disse:

— Acha que vai ter uma terceira menina?

Levantei o olhar para fitá-la.

— Acho que sim.

Ela anuiu lentamente.

— Acha que ele está indo atrás de meninas que moram sozinhas?

— Talvez — respondi.

— Acha que estamos em perigo?

Havia medo em seu olhar.

Larguei o garfo para apertar sua mão.

— Nunca — sussurrei.

Ela sorriu, e aquele breve momento de ternura logo teve um fim quando resolvi perguntar se Rodrigo ainda estava tentando entrar em contato com ela.

— Ah, lá vem! — Juliana reclamou. — Não! Tá bom? Não está. Ele vai ficar longe, Júlia, acredite. Vai ficar bem longe.

— É melhor mesmo — resmunguei.

— Ou o quê? Vai acabar com a raça dele? — minha irmã debochou, rindo.

Revirei os olhos novamente.

— Algo do tipo. Qualquer coisa pra mantê-lo longe de você.

Ela parou de rir com essa resposta, e seus lábios tremeram, virando-se para baixo.

— Só estou com dó de quem for a próxima.

Na hora eu não soube se ela estava falando da próxima vítima do assassino misterioso ou da próxima vítima dos abusos de Rodrigo.

No sábado, quando acordei na cama de Rebeca, eu já estava com a condição mental mais clara para pedir a ela algo que estava me assombrando.

— Rê — comecei. Ela apenas resmungou e cheirou o meu pescoço. — Rê, é sério. — Me desvencilhei dela.

Rebeca sentou na cama, ainda sonolenta, e esfregou os olhos. Ela ficava fofa quando fazia isso.

— Que foi?

— Então... é que você mora sozinha, né.

Ela pareceu confusa.

— Sim...?

— E, sabe... os assassinatos que tão acontecendo são com meninas que moram sozinhas.

Ela suspirou e rejeitou a minha colocação com um gesto.

— Eu sei, mas não vai acontecer comigo, eu te juro.

— Não sei se é uma coisa que você pode jurar.

Rebeca franziu a testa.

— Não confia em mim?

— Claro que confio! Não confio é nessa onda de assassinatos.

Eu sabia que Rebeca não gostava que a dissessem o que fazer, mesmo que viesse de um lugar de amor.

— Eu tomo todos os cuidados, não sou idiota — ela reclamou e se levantou, começando a se vestir. — Estou segura, ouviu?!

— Por que ficou chateada comigo? Só quero te proteger.

Rebeca me olhou com suas bolas de gude esmeraldas.

— Você quer proteger todo mundo — resmungou.

— Só quem eu amo.

— Mas algumas pessoas você não ama o suficiente para realmente querer tê-las na sua vida, não é mesmo?

Diga que sim. Sim, é mesmo, Rebeca. Eu não te amo o suficiente para te assumir. Eu amo como você faz me sentir, eu amo sua cabeça entre minhas pernas e amo o cheiro salgado que fica nos cobertores da sua cama depois que transamos. É, eu amo transar com você, mas eu não te amo, Rebeca. Não como amei Antonelle, muito menos como amo Juliana.

— Não é assim — murmurei.

Rebeca pegou minha mochila e a arremessou com tudo, atingindo meu rosto com força.

— Precisava disso?! — me exaltei, esfregando o nariz que agora latejava.

Ela não respondeu e se trancou no banheiro. Bati na porta duas vezes, mas Rebeca não respondeu.

— Você realmente tá puta comigo porque eu me preocupo com você? Porque eu não quero que você corra perigo? — quase berrei contra a madeira.

Ela abriu a porta enquanto dizia:

— Toma sua escova de dente! — E me entregou o objeto com grosseria.

— Eu *realmente* não tô entendendo a sua reação.

— Se você se importasse comigo de verdade, então viria morar aqui pra não me deixar sozinha, então contaria à sua família sobre mim, mas você não faz. Por quê? — Tinha lágrimas em seus olhos.

Sua declaração me deixou surpresa.

— *Morar* com você?

— É! Prefere mesmo morar com seu padrasto ridículo, sua mãe complacente e sua irmã afetada? Não acha que deveria morar comigo?

Eu quis rir. Não sei exatamente o porquê, mas aquela possibilidade me deu vontade de gargalhar. Segurei, mas Rebeca percebeu algo em minha expressão.

— Olha só como você fica! — ela gritou. — Esse relacionamento é uma brincadeira pra você, não é?!

— Claro que não!

— Então por que é tão difícil se assumir pra eles? Pelo amor de Deus, Júlia, você é medrosa pra caralho!

Sim, eu era, mas nunca escondi isso. Eu era uma medrosa do pior tipo.

— Minha família já passou por muita coisa, coisas que você nem imagina — acabei dizendo.

Rebeca semicerrou os olhos.

— Tipo? — Ela arqueou uma sobrancelha inquisidora.

Sentei no sofá, e ela me seguiu. Suspirei e organizei as informações no cérebro.

— Quando nascemos, eu e Juliana éramos diferentes — comecei. — Demoramos para nos comunicar com o mundo exterior. Eu e Juliana tínhamos... — parei para pensar na melhor palavra. — Códigos. Quase como linguagem de sinais, mas a nossa própria, e desenhávamos uns símbolos. Eu nem lembro da maioria, acho que Juliana também não. Aos

sete anos, decidimos que estava finalmente na hora de falar, então falamos, simples assim. Eu não saberia te dizer por que, mas isso criou um vínculo entre nós que... que é muito forte. Vestíamos as mesmas roupas e tínhamos os mesmos brinquedos e cortes de cabelo até entrarmos no ensino médio, quando Juliana decidiu se desvincular de mim. Mas sempre continuamos próximas, sempre tivemos aquela... — parei novamente. — Aquela *ligação*. E sim, eu preciso da aprovação dela, e ela precisa da minha, mesmo quando implicamos uma com a outra.

Rebeca virou o rosto.

— Ela é a pessoa que você mais ama na vida — murmurou.

Sim, quase respondi.

Sim, quase deixei que respondessem por mim.

— É diferente — acabei dizendo. — Lembra que te contei que fui estudar desenho na Argentina? — Rebeca fez que sim. — Nessa época eu quase... eu quase conseguia saber o que se passava na cabeça dela. Uma vez mandei mensagem perguntando se ela estava bem porque tinha simplesmente *sentido* que algo estava errado, e foi quando recebi a notícia de que meu pai tinha morrido. Nossa mãe ficou diferente. Distante. E aí se casou com o homem mais ridículo do mundo. Por mais que ela pareça malvada e insípida, Juliana é frágil. Ela é muito frágil. Devia ter visto como ficou quando nosso cachorro foi atropelado na época em que morávamos em uma casa, quando o papai ainda estava vivo. E eu também fiquei... — Engasguei com um bolo de lágrimas, mas o contive. — Mal. Eu amo a Juliana... muito... você tem razão, amo demais, mas é diferente. Diferente do jeito que eu te amo.

Lágrimas de crocodilo, Júlia. Sua mentirosa da porra.

Eu pensei que Rebeca fosse gostar do meu relato, mesmo não sendo muito honesto, mas ela levantou do sofá e abriu a porta do apartamento, depois bateu os pés no chão.

— Sinto muito por tudo isso, Júlia, mas não é problema meu. Vai ser problema meu quando eu for oficialmente sua namorada, quando eu conhecer Juliana e sua família. — Ela deu de ombros. — Não é problema meu, entende?

Voa pra cima dela! Voa pra cima dela e arranca as bolas de gude do seu rosto e as coma!

— Tá bom — foi o que eu disse.

Rebeca engoliu em seco e balançou a cabeça.

— Pois bem.

Ela bateu o pé mais uma vez.

Vesti minha roupa, botei a mochila nas costas e fui embora.

Era uma quarta-feira, e eu tinha acabado de sair da pior aula da semana quando tive um déjà vu. Fernanda estava correndo até nós mais uma vez, sem ar, e, quando parou, apoiou-se nos joelhos.

— Mais alguém morreu — eu disse.

Ela fez que sim. Malu e Luíza arfaram, assustadas.

— Agora foi uma caloura de arquitetura. Eu não cheguei a conhecê-la, vocês a viram na calourada? — Fernanda nos mostrou a foto da menina na tela do celular. Nós três dissemos que não. — Cara, ninguém lembra dela, mas ela fez a matrícula. Será que nunca apareceu?

— Há quanto tempo tava morta quando encontraram? — perguntei.

— Dois, três dias no máximo. Outra que morava sozinha, essa veio do interior de Minas Gerais pra estudar aqui. Tadinha.

— Facadas? — Malu perguntou.

Fernanda fez que sim.

— Mas teve mais uma coisa.

Não está percebendo, Júlia? Que está chegando cada vez mais perto?

— Ai, meu Deus. O quê? — Luíza indagou.

Ele vai matá-la. A Juliana, você sabe muito bem. Ele vai matá-la e depois virá matar você.

— A menina não tinha rosto.

Balancei a cabeça, sendo puxada para a realidade como se tivesse amarrado uma âncora nos meus tornozelos.

— Como assim não tinha rosto?! — quase me exaltei.

— O cara simplesmente arrancou o rosto dela, deixando só os músculos e os ossos expostos, e o levou consigo. Não recomendo que vejam a foto, é horrível!

— Faca serrilhada de novo? — perguntei.

— Acho que sim — Fernanda respondeu. — Ela também estava com a garganta cortada tão profundamente que a cabeça até pendia pro lado.

— Pelo amor de Deus — Malu protestou. — Por que você sabe dessas coisas?

— Porque eu leio as reportagens! A gente tem que ler pra nos proteger!

— Três é um padrão — sussurrei.

Malu olhou para mim.

— Tudo bem? — ela perguntou.

Fiz que não, e ela não insistiu.

Eu não costumava assistir à televisão, mas naquela noite me sentei com minha mãe e Renato no sofá para ver as notícias.

— *Ana Paula Galvão de Almeida foi a terceira universitária encontrada morta nas últimas semanas no Distrito Federal. Os assassinatos têm em comum o uso de uma faca de cozinha serrilhada como arma principal do crime. As outras duas jovens, Cecília Fernandes Araújo e Ingrid Texano, também foram encontradas com diversas facadas pelo corpo inteiro e as gargantas cortadas. Com o avanço do criminoso, sua violência cresce de forma igual, já que Ingrid, de 23 anos, foi encontrada com a cabeça aberta, e Ana Paula, de 19, sem algumas partes do corpo. As autoridades estão com a investigação aberta, mas o assassino não pareceu ter deixado um rastro sequer. A dúvida que fica é: os assassinatos pararão em três ou continuarão? Os alvos são claramente meninas jovens, brancas e universitárias que moram sozinhas ou que se mudaram recentemente de outro estado. Ana Paula deixou a mãe, três irmãos e um namorado em São Lourenço, Minas Gerais. As suspeitas de que essas meninas tenham sido usadas para sacrifício humano de alguma seita satânica é a maior pista que temos no momento, mas a severidade e a brutalidade dos atos são inegáveis e tremendamente devastadoras. Nossos sentimentos vão para as famílias das vítimas, e deixamos aqui um aviso para jovens meninas terem cuidado, sempre andarem em grupo e não ficarem sozinhas em casa.*

Renato coçou o umbigo e soltou um resmungo.

— Esse filho da puta tinha que receber pena de morte!

Mamãe cerrou os lábios.

— Não existe pena de morte no Brasil — retruquei, entediada.

— Mas deveria ter! Por isso que essa merda de país não vai pra frente! As ruas tão cheias de bandidos que deviam ter sido fritos na cadeira há tempos! Aí eles passam 30 anos na cadeia e depois voltam, e vocês ainda acham que eles não vão continuar cometendo crimes? Não adianta prender...

Deixei Renato falando sozinho e fui tomar banho.

Começou como um leve tremor. *O sonho*. A mesma sensação aérea da primeira vez. Deitada na cama, quase caindo no sono, meu corpo começou a chacoalhar — primeiro levemente como ondas, depois mais intenso como se uma criança estivesse cutucando um casulo e eu fosse a pequena criatura presa dentro. Eu não abria os olhos porque tinha medo de ver algum rosto desfigurado, como acontecia quando era criança, e tinha medo do que aquele demônio

diria para mim. Mas eu começava a subir, subir tanto que realmente acreditava que fosse bater no teto. Eu sempre tentava gritar e nunca conseguia. Na primeira noite, porém, Juliana me ouviu. Ela disse que eu acordara a casa inteira, mas fora apenas uma impressão. Ela me *ouviu*.

Eu cheguei a pesquisar sobre isso no Google e achei uma explicação racional que me agradou. Era como se eu estivesse saindo de um estágio do sono para o outro. Algumas pessoas têm tiques ou a sensação de que estão caindo, outras têm paralisia do sono, eu sentia esse tremor. Isso até me acalmou por um tempo, mas quanto mais eu pesquisava, mais eu sentia que aquilo era quase um presságio. Um início de desdobramento, como se minha alma estivesse desesperada para sair do corpo que a aprisionava — como se eu fosse uma lagarta dentro do casulo, incapaz de completar a metamorfose.

Aquela noite foi diferente, porém. O sonho continuou.

Rebeca me encarou com seus olhos verdes como bolas de gude esmeraldas. Ela sorriu, eu sorri de volta. Estávamos em sua cama, e Rebeca lambeu o interior de minhas coxas com sua língua quente. Tremi contra ela e fechei os olhos, jogando-me no colchão macio. A sensação gostosa foi crescendo em meu âmago enquanto eu arfava palavras desconexas.

Rebeca gemeu contra o meu calor e, com a língua, escreveu:

Ele vai matá-la.

Levantei o tronco de supetão e encarei suas tranças vermelhas se movimentarem como cobras. Sim, era isso que eram: cobras corais venenosas, e uma delas estava perto demais da minha perna.

— Deixa eu cuidar de você — Rebeca sussurrou e beijou a minha virilha, então sibilou. — Eu quero cuidar de você — continuou.

— Sim, claro — respondi, gogue, e voltei a deitar.

Senti cada lado de sua língua bifurcada me lambe, um de cada vez, e logo mais as línguas de todas aquelas cobras estavam me proporcionando prazer. Começou pela bexiga, depois seguiu para o estômago, se dissolveu pelos rins, pelo fígado, pelo coração, subiu pelo esôfago e se materializou como um grito quando senti a maior onda de euforia me fazer tremer e gozar uma, duas, três vezes seguidas, porque Rebeca não parava, ela queria que eu continuasse gozando em sua língua de réptil. Continuei me contorcendo até se tornar insuportável.

— Para — pedi, afastando as cobras vermelhas. — Para — pedi de novo, mas Rebeca apenas sussurrou um “shhh” contra mim e beijou minhas coxas.

— Não era isso que você queria? — ela questionou. — Minha boca disponível todo sábado?

Ela levantou a cabeça e lambeu os lábios melados. Deu para ver sua língua ricochetear. Tentei fazer que não, mas Rebeca continuou:

— Meus dedos finos para te penetrar e pressionar a parte macia dentro de você enquanto você geme como uma gata no cio?

Ela escalou meu corpo com suas omoplatas sambantes.

— O que você mais gosta em mim não é a boceta marrom pungente com gosto de mar? Não é o meu prazer que você mais deseja? Não é me sentir por inteira? Chupar meus mamilos como picolés de chocolate e sussurrar sujeiras em meus ouvidos? Dizer que sou sua puta e me ver concordar enquanto me esfrega lá embaixo? Você gosta dessa imundice, não gosta, Júlia?

Minha boca não abriu. Eu não consegui.

— Você gosta que eu te faça gozar, mas prefere quando me tem em suas mãos, pode admitir. Prefere me pôr de quatro e depois me fazer sentar na sua cara enquanto segura minha bunda com suas mãos sujas. Você é inteiramente suja, Júlia.

Os olhos de Rebeca não eram mais verdes. Eu pude vê-los transmutar para uma cor clara de azul, passando a ficarem cortados na vertical por alguns segundos assim como os de um crocodilo.

— Deixa eu te beijar — ela sussurrou e aproximou seu rosto.

Beijar seus lábios fartos me foi familiar, e Rebeca beijou meu pescoço, lambeu minhas orelhas, seguiu com a língua de réptil pelo meu pescoço e voltou à minha boca. Ela gemeu contra mim e procurou meu sexo com a mão escorregadia, mas eu a parei.

— Não quero mais — eu disse.

— Claro que quer. Você é insaciável.

Fechei os olhos. Não, eu realmente não queria. Não queria Rebeca em cima de mim, queria Rebeca longe dali, o mais longe que ela pudesse. Tentei empurrá-la, mas senti a lâmina afiada de uma faca me pressionar o pescoço. Mesmo forçando as pálpebras para abrirem, não consegui. Eu estava presa naquele mundo de escuridão.

Rebeca voltou a me beijar, mas eu não quis corresponder. Ela gritou, me arranhou, me xingou, e voltou a me beijar mais uma vez. Quando abri os olhos, finalmente, não era mais Rebeca quem estava ali. Aqueles olhos azuis... aquele cabelo amarelo...

Gritei.

Juliana se afastou dos meus lábios e abriu o sorriso mais horripilante do mundo.

— *Surpresa* — *ela sussurrou...*

E enfiou a faca no meu peito, rasgando-me por inteira enquanto eu gritava em agonia.

Acordei suando frio. Minhas coxas estavam pegajosas e eu quase podia sentir a dor da faca me cortando. Tomei um copo d'água e voltei para o quarto, mas meus olhos não fecharam por um segundo sequer. Quando me dei conta, estava parada em frente a uma casa verde com detalhes em vermelho. Eu mal me lembrava do trajeto até ali. Não havia escovado os dentes nem feito xixi.

Eu não sabia se ele ainda morava ali. Se fosse inteligente, teria se mudado há muito tempo, mas eu toquei a campainha mesmo assim. Houve um xingamento vindo de dentro da casa, e logo mais a porta abriu. A mãe dele, que tinha deixado o cabelo crescer naturalmente grisalho nos últimos anos, me olhou de cima abaixo e torceu o nariz. Ela parecia bem cansada.

— O que faz aqui? — quase rosnou para mim.

Senti um tique nervoso surgindo no meu olho esquerdo.

— Rodrigo está aqui?

A velha franziu a testa, e vi seus lábios tremerem.

— O que você quer com ele, Júlia? Acabar mais com a vida do meu filho?

Fiz que não.

— Só preciso falar com ele.

Ela resmungou algo indecente para si antes de me responder:

— Vá embora. Você não tem *nada* pra fazer aqui — E começou a fechar a porta. —

Espera, mãe.

Ouvir a voz de Rodrigo depois de todos aqueles anos fez meu sangue gelar. Uma parte de mim se arrependeu de ter ido até ali. Eu não tinha um plano, só uma pergunta martelando em minha mente.

Rodrigo apareceu na porta. Ele estava com uma blusa amassada e os olhos afundados nas olheiras roxas.

— Júlia.

— Rodrigo, não fale com ela — sua mãe instruiu.

— Entre — ele disse. — Vai ser rápido, mãe, não se preocupe.

A velha soltou um palavrão. Segui Rodrigo escada acima, e entramos em seu quarto. Ele fechou a porta atrás de si. Não sorriu, não piscou, apenas ficou me encarando por vários segundos.

— Então, o que quer? — Rodrigo indagou depois de um tempo.

Balancei a cabeça para pôr os pensamentos em ordem.

— Me viu na calourada? — perguntei.

Ele franziu a testa.

— Não.

— Por que tava lá?

— Porque eu *quis*.

— Você não deveria ter ido.

Rodrigo sorriu com escárnio.

— Vai contar para a polícia? Me mandar pra prisão por mais três anos?

Ficamos em silêncio mais uma vez.

— Quero que pare de mandar mensagens pra minha irmã — demandei depois de alguns segundos.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Não tô mandando mensagens pra ela. Ordem judicial, lembra?

— Tá mandando sim — rebati. — E quero que pare. Quero que fique longe de Juliana ou vou *sim* contar pra polícia e por sorte você vai ser jogado na cadeia pro resto da sua vida.

Rodrigo passou a mão no cabelo bagunçado ainda com aquele sorriso odioso no rosto.

— Não vou te convencer de nada, claro. Nunca consegui — ele respondeu.

Olhei para os lados. O quarto estava uma bagunça. Tinha roupa suja jogada no chão e pratos de comida em cima da cama.

— Tenho um *spray* de pimenta na bolsa — ameacei.

Rodrigo fechou o cenho e revirou os olhos.

— Vamos lá, use contra mim. Qual vai ser sua desculpa dessa vez?

Sua voz estava mais rouca do que eu me lembrava.

— Me ouça bem — continuei. — Vai parar de mandar mensagens pra Juliana, entendeu?

Eu sabia que minha voz ficava cada vez mais agressiva, mas não conseguia evitar.

Rodrigo deu de ombros e se jogou na cama. Ele ligou a TV e fingiu que eu não estava ali.

— Você me ouviu? — insisti.

— Sim, senhora — ele respondeu.

Meu corpo inteiro tremia.

A pergunta que não me deixava em paz estava prestes a escapular da minha boca. Talvez fosse melhor deixá-la no silêncio, mas não fui capaz, e acabou saindo como uma afirmação.

— Você que está fazendo tudo isso.

Rodrigo virou o pescoço para me olhar.

— Isso o quê?

— Não se faça de sonso!

Rodrigo coçou a barba por fazer e se afundou mais ainda na cama.

— Você sabe que não sou eu, Júlia. Você *sabe* e sempre soube.

— Do que tá falando? — Cheguei mais perto, enfiando a mão na bolsa para alcançar o *spray*.

Rodrigo apenas soltou uma risada rouca e debochada.

— *Do que está falando?* — repeti com mais dureza.

— Que é você que se faz de sonsa, Júlia. Se tem alguém aqui que verdadeiramente se faz de *sonso* é você.

Arranquei o controle da sua mão e desliguei a TV. O barulho estava infernal e o repórter me dizia coisas obscenas.

— Você é um psicopata — quase cuspi no rosto dele.

Rodrigo tensionou a mandíbula.

— Não, Júlia, eu *não* sou. Assim como sabemos que você não é esquizofrênica, mas você acredita apenas no que te convém, não é mesmo?

Joguei o controle no chão e ouvi o delicioso som dele se partindo, e das pilhas rolando pelo piso de madeira.

— Pare de mandar mensagens pra minha irmã e *pare de assassinar pessoas*.

Eu estava tão perto dele que podia ver todos os seus poros.

Rodrigo não me empurrou nem se afastou. Ele me encarou de volta com seus impiedosos olhos castanhos como se me desafiasse a continuar. Foi então que a porta do quarto abriu, e ouvi a voz de sua mãe dizer atrás de mim:

— Está na hora de ir, Júlia.

Meus dedos agarravam o *spray* de pimenta com tanta força que doeram quando o soltei. Abracei a bolsa contra o corpo e passei reto por sua mãe, desci as escadas e corri de volta para o carro.

Quando estacionei embaixo do meu prédio, demorei até conseguir destrancar as portas. Apertei o volante até os nós dos dedos das mãos ficarem brancos, e só saí do transe

quando senti uma mão forte me empurrando pela nuca, então bati a testa na parte dura do volante. Senti o sangue escorrer da minha testa, mas quando levei os dedos trêmulos ao machucado, não senti o líquido pegajoso. Olhei no retrovisor e não havia sangue algum. Meus punhos abriram e fecharam diversas vezes antes de eu tomar coragem de sair do carro. Eu estava quase fazendo xixi nas calças.

Abri a nossa portaria a tempo de ver Juliana chegando com sacolas de mercado nos braços.

— Ah! — ela suspirou quando me viu e empurrou pelo menos metade delas para mim.
— Ainda bem que você tá aqui, já ia te ligar para descer.

Ela estava ofegante e com roupas de academia.

— Me lembra de *nunca mais* ir andando ao mercado — Juliana completou.

Eu ainda estava um pouco desconectada, mas consegui ajudá-la a carregar as sacolas.

— Você fez compras? — perguntei.

— Dã. Não. Roubei tudo isso.

— Não era pro Renato ter ido hoje?

Juliana revirou os olhos.

— Ele disse que estava com dor de cabeça. Com certeza é mentira, então sobrou pra mim. Sabe como é ficar uma hora e meia numa aula de *spinning*, malhar braço e costas e depois ir andando ao supermercado pra voltar com tudo isso?

Eu realmente não sabia e esperava nunca ter que saber. Eu não malhava como Juliana. Ela tinha neurose com o peso.

Entramos no elevador, e eu abri a porta do apartamento. Levamos tudo para a cozinha. Minha irmã sentou em um dos bancos para retomar o fôlego.

Foi aí que senti o cheiro. *O cheiro*. Funguei duas vezes e cocei o nariz.

— Sabe do que sinto falta? — Juliana disse. — De quando você cozinhava pra gente.

Levantei uma sobrancelha enquanto tirava as compras das sacolas.

— Faz muitos anos que não cozinho — respondi.

— Justamente. Era muito bom. E depois da Argentina você nunca mais cozinhou.

Fiquei em silêncio.

— Eu sei que foi por causa do papai — Juliana adicionou baixinho. — Mas você devia voltar a cozinhar. Sua comida é mil vezes melhor que a da mamãe com certeza.

— Está sendo legal comigo, irmã? — questionei, debochando.

Ela riu.

— Estou de bom humor hoje. Não se acostume — disse e saiu.

O cheiro ficou mais forte ao passo que eu tirava os sacos de feijão, arroz, farinha, e pior ainda quando cheguei nas cervejas do Renato. Revirei os olhos e não as pus na geladeira de propósito. Fazia anos que eu não alucinava com aquele cheiro. Guardei as carnes no *freezer* e finalmente fui ao banheiro, depois tomei um banho demorado. Aquele cheiro me deixava com a terrível sensação de estar suja.

Eu queria contar à Juliana sobre a conversa com Rodrigo, mas não quis estragar seu bom humor. Em vez disso, fiquei repassando a cena várias vezes na cabeça, sussurrando as falas até perderem o sentido. Juliana entrou no meu quarto com o rosto vermelho de raiva. Ela gritou coisas inimagináveis, tentou me agredir, chorou de soluçar, e terminou me abraçando, ficando as unhas de gel na minha pele. Foi aí que eu entendi tudo. Ela tinha parado de tomar os remédios.

Naquela noite resolvi cozinhar. O cheiro não me deu descanso, então eu resolvi ceder de uma vez. Abri o *freezer* e vasculhei entre as carnes. Revirei os olhos quando vi que Juliana tinha comprado alcatra. Ela provavelmente tinha pegado qualquer coisa, Juliana não entendia nada sobre cozinhar.

Comecei picando dois dentes de alho e misturei com manteiga, depois procurei alguma coisa mais refinada que pudesse acrescentar à mistura e descobri que tínhamos alecrim. Fatiei a carne em quatro bifés para servir a todos da casa. Resolvi pôr um pouco de azeite. Joguei a mistura inicial por cima da carne, abaixei o fogo e pus os quatro bifés em uma forma de alumínio. Levei ao forno depois de adicionar um pouco de sal, retirei quando chegaram ao ponto desejado e pus um pouco de pimenta sobre cada um. Resolvi exagerar no que eu serviria para o Renato só de birra.

Aproveitei o macarrão ao alho e óleo do dia anterior e o misturei com um pouco de creme de leite e queijo mozzarella. Depois de pronto, montei os pratos com carinho (até mesmo o de Renato para não levar bronca da minha mãe), e fiz a mesa da cozinha para todos sentarmos. O cheiro do alecrim tinha conseguido fazer minha alucinação olfativa ir embora por completo.

Quando mamãe entrou na cozinha, abriu um enorme sorriso e me abraçou.

— Que coisa mais linda, filha! — ela parecia emocionada.

— Eu que a convenci a cozinhar! — Juliana se gabou.

Renato pegou seu prato (o certo, cheio de pimenta), resmungou, coçou o umbigo e foi para a sala de TV. Mamãe suspirou, mas decidiu não o acompanhar. Nós três sentamos à mesa juntas depois de muitos anos, e ela sorriu com sinceridade.

— Obrigada, meu amor — disse. — Juliana, agradeça a sua irmã.

— Meu Deus, parece que eu sou criança — ela riu.

Juliana foi a primeira a provar. Ela relaxou os ombros e soltou um “hmmmm” que me deixou satisfeita.

— Caramba, Júlia, isso tá perfeito!

Minha mãe foi a próxima.

— Ju, está mesmo delicioso! Nossa, como está macio!

— Fui eu que escolhi a carne — Juliana resmungou enquanto metia uma garfada de macarrão na boca.

— Puta que pariu! — Renato gritou da sala, e eu abafei um riso. — Precisava disso tudo de pimenta, caralho?!

Mamãe provou mais um pedaço e respondeu:

— Está normal para mim, querido.

— Ah, vai se foder — Renato continuou xingando, entrou na cozinha e jogou o prato quase intocado na pia.

Observei enquanto ela abria a geladeira e procurava pelas cervejas. Quando percebeu que estavam do lado de fora, soltou mais três palavrões.

— Conseguem guardar tudo menos as cervejas? Por acaso são idiotas?!

— Renato, querido — mamãe repreendeu, mas ele a olhou com fúria, e ela se calou.

— Vou ter que tomar essa bosta quente, mesmo! — E voltou para a sala de TV.

Troquei olhares divertidos com minha irmã.

— Não se sinta ofendida, filha — minha mãe disse, pegando em minha mão. — Sabe que Renato é meio assim...

— Sem educação? Folgado? — completei.

— Babaca? — Juliana continuou.

Mamãe apenas respirou profundamente e voltou a comer em silêncio. Quando terminamos, ela disse:

— Estava ótimo, minha filha, muito bem temperado e macio.

Quando saí da cozinha, Renato me lançou um olhar emburrado.

— Eu odeio vitela. Além de pimenta, você ainda preparou vitela pra mim!

— Era alcatra, seu burro do cacete — murmurei sob a respiração.

Ele não pareceu ouvir e voltou a atenção para a TV.

Mais tarde, mamãe entrou no meu quarto enquanto eu terminava de ler um dos textos da faculdade.

— Filha, talvez você precise ser mais cuidadosa com o Renato — disse.

Bufei.

— Ele te mandou me dizer isso?

Ela não respondeu.

— Mãe, ele é um ridículo — continuei.

— Só... maneire na pimenta da próxima vez, ok?

Ela tinha um sorriso tímido nos lábios. Fiz que sim, mas só porque não queria ver minha mãe triste. Ela nem sempre foi assim, submissa. Antes mamãe era dura, quase severa demais, mas depois que o papai morreu tudo mudou.

Sonhei com aquele odor horrível. *O* odor. Ele se materializou como névoa ao meu redor e me levou para o teto. Gritei achando que iria colidir contra ele, mas só Juliana ouviu.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história das irmãs Júlia e Juliana ainda precisa passar por amadurecimento, mas é uma que planejo contar lentamente, aos poucos, focando no conflito interno de Júlia e em como sua relação com a irmã gêmea é tóxica. Claro que ficarei nas temáticas de *body horror* e sexualidade feminina. Como pode ser visto nesse trecho inicial que escolhi como minha parte criativa, Júlia ser lésbica é uma coisa que a afeta muito, por isso sente a necessidade de esconder essa parte de si. Além disso, o romance também tratará sobre assuntos tabus como canibalismo, incesto, sacrifício humano e seitas.

Mexer com o terror é sempre uma delícia porque fala muito sobre mim, e tanto a Júlia quanto a Juliana representam partes minhas com as quais eu tenho que lidar todos os dias. Não que eu tenha um instinto assassino! Mas a minha mente é capaz de criar cenários horripilantes. Tenho trabalhado com esse romance desde 2020 e pretendo continuar com os meus estudos sobre gênero no terror, para quem sabe assim terminar este projeto e conseguir publicá-lo.

REFERÊNCIAS

- CLOVER, Carol J. **“Men, women and chain saws: Gender in the modern horror film”**. Nova Jersey: Princeton University Press, 1992.
- CARROLL, Noëll. **A filosofia do horror: ou paradoxos do coração**. Brasil: Papyrus, 1990.
- CORSO; CORSO, Diana Linchtenstein e Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- KING, Stephen. **Carrie, a estranha**. Tradução: Adagisa Campos da Silva. Brasil: Objetiva, 2013.
- RICE, Anne. **Entrevista com o vampiro**. Tradução: Clarice Lispector. Brasil: Rocco, 2015.
- TATAR, Maria. **Contos de fadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- KING, Robert. **“A regiment of monstrous women: female horror archetypes and life history”**. Irlanda: School of Applied Psychology, University College Cork, 2014.
- CIXOUS, Helene. “The laugh of Medusa”. *In: WALTERS, Suzanna Danuta (ed.). Signs: Journal of women in culture and society*. Estados Unidos: The University of Chicago Press, 1976. v. 1, cap. 4, p. 875-893. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3173239>. Acesso em: 11 nov. 2021.
- LINDSEY, Shelley Stamp. “Horror, femininity and Carrie’s monstrous puberty”. **Journal of Film and Video**, Estados Unidos, v. 43, n. 4, 1991. Film studies, humanity, p. 34-44. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20687952>. Acesso em: 10 nov. 2021.
- MENGI, Saba. **A critical reading of the movie "Raw"**. 2019. Ensaio (Cinema e televisão) - Istanbul Bilgi University, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/41532711/A_Critical_Reading_On_The_Movie_Raw. Acesso em: 1 set. 2022.
- KENCH, Sam. **Body Horror Explained: Inside the Best Body Horror Movies**. **Studio Binder**, p. 1-1, 24 out. 2021. Disponível em: <https://www.studiobinder.com/blog/body-horror-movies-definition/>. Acesso em: 1 set. 2022.
- ANDERSON, Katie. “The denigration of the hyper-feminine woman: hyper-femininity isn’t the problem, the patriarchy is”. **Medium**. 12 ago. 2020. Disponível em: shorturl.at/jyY04. Acesso em: 8 nov. 2021.
- SINGH, Kashvi Raj. “We grew up demonizing ultra-femininity: and why #SharpayEvansDeservesBetter”. **Du Beat**. 10 jun. 2021. Disponível em: shorturl.at/cjBKO. Acesso em: 8 nov. 2021.
- GAROTA infernal**. Direção: Karyn Kusama. Roteiro: Diablo Cody. Produção: Daniel Dubiecki, Mason Novick, Jason Reitman. Intérpretes: Megan Fox, Amanda Seyfried, Johnny Simmons, Adam Brody e outros. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2009.

O EXORCISTA. Direção: William Friedkin. Roteiro e produção: William Peter Blatty. Intérpretes: Ellen Burstyn, Max von Sydow, Lee J. Cobb, Kitty Winn, Jack MagGowran, Jason Miller, Linda Blair e outros. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 1973.

A ÓRFÃ. Direção: Jaume Collet-Serra. Roteiro: David Leslie Johnson, Alex Mace. Produção: Joel Silver, Susan Downey, Leonardo DiCaprio, Jennifer Davisson Killoran. Intérpretes: Vera Farmiga, Peter Sarsgaard, Isabelle Fuhrman, CCH Pounder, Jimmy Bennett e outros. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2009.

CARRIE, a estranha. Direção: Brian de Palma. Roteiro: Lawrence D. Cohen, Stephen King. Produção: Paul Monash. Intérpretes: Sissy Spacek, Amy Irving, William Katt, Nancy Allen, John Travolta, Betty Buckley, P.J. Soles, Piper Laurie e outros. Estados Unidos: Red Bank Films, 1976.

POSSUÍDA. Direção: John Fawcett. Roteiro: Karen Walton. Produção: Karen Lee Hall, Steve Hoban. Intérpretes: Emily Perskins, Katharine Isabelle, Kris Lemche, Mimi Rogers e outros. Canadá: Motion International, 2000.

RAW (Grave). Direção e roteiro: Julia Ducournau. Produção: Jean de Forêts. Intérpretes: Garance Marillier, Ella Rumpf, Laurent Lucas e outros. Bélgica e França: Wild Bunch, 2016.

VAGINA dentada. Direção e roteiro: Mitchell Lichtenstein. Produção: Joyce Pierpoline. Intérpretes: Jess Weixler, John Hensley, Josh Pais e outros. Estados Unidos: Roadside Attractions, 2007.

DOCE vingança. Direção: Steven R. Monroe. Produção: Lisa M. Hansen e Paul Hertzberg. Intérpretes: Sarah Butler, Jeff Branson, Daniel Franzese e outros. Roteiro: Stuart Morse. Estados Unidos: Anchor Bay Entertainment, 2010.

A VINGANÇA de Jennifer. Direção e roteiro: Meir Zarchi. Produção: Joseph Zbeda. Intérpretes: Camille Keaton, Eron Tabor, Richard Pace, Anthony Nichols. Estados Unidos: Cinemagic Pictures, 1978.

MENINA má.com. Direção: David Slade. Produção: Rosanne Korenberg e Paul Allen. Intérpretes: Elliot Page, Patrick Wilson, Sandra Oh. Roteiro: Brian Nelson. Estados Unidos: Lionsgate, 2006.

SEXTA-FEIRA 13. Direção e produção: Sean S. Cunningham. Roteiro: Victor Miller. Intérpretes: Betsy Palmer, Adrienne King, Harry Crosby, Laurie Bartram, Mark Nelson, Jeannine Taylor, Robbi Morgan, Kevin Bacon e outros. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1980.

A HORA do pesadelo. Direção e roteiro: Wes Craven. Produção: Robert Shaye. Intérpretes: John Saxon, Ronee Blakley, Heather Langekamp, Amanda Wyss, Nick Corri, Johnny Depp, Robert Englund e outros. Estados Unidos: New Line Cinema, 1984.

ALIEN, o oitavo passageiro. Direção: Ridley Scott. Roteiro: Dan O'Bannon. Produção: Gordon Carroll, David Giler, Walter Hill. Intérpretes: Sigourney Weaver, Tom Skerritt, Veronica Cartwright, Harry Dean Stanton, John Hurt, Ian Holm, Yaphet Kotto e outros. Estados Unidos, Reino Unido: 20th Century Fox, 1979.

O MASSACRE da serra elétrica. Direção e produção: Tobe Hooper. Roteiro: Kim Henkel, Tobe Hooper. Intérpretes: Marilyn Burns, Paul A. Partain, Edwin Neal, Jim Siedow, Gunnar Hansen e outros. Estados Unidos: Bryanston Pictures, 1974.

VINGANÇA. Direção e roteiro: Coralie Fargeat. Produção: Marc-Etienne Schwartz. Intérpretes: Matilda Lutz, Kevin Janssens, Vincent Colombe, Guillaume Bouchède. TIFF: Rézo Films, 2017.

DEIXA ela entrar. Direção: Tomas Alfredson. Produção: Carl Molinder, John Nordling. Intérprete: Kåre Hedebrant, Lina Leandersson. Roteiro: John Ajvide Lindqvist. Suécia: Sandrew Metronome, 2008.

ENTREVISTA com o vampiro. Direção: Neil Jordan. Produção: David Geffen, Stephen Woolley. Intérprete: Tom Cruise, Brad Pitt, Antonio Banderas, Christian Slater, Kirsten Dunst. Roteiro: Anne Rice. Estados Unidos: Warner Bros., 1994.

KILL Bill: Volume 1. Direção e roteiro: Quentin Tarantino. Produção: Lawrence Bender. Intérprete: Uma Thurman, Lucy Liu, Vivica A. Fox, Michael Madsen. Estados Unidos: Miramax Films, 2003.

BELA Vingança. Direção: Emerald Fennell. Produção: Josey McNamara, Tom Ackerley. Intérprete: Carey Mulligan, Bo Burnham, Alison Brie. Estados Unidos: Universal Pictures, 2020. 1.

THE NIGHTINGALE. Direção e roteiro: Jennifer Kent. Produção: Bruna Papandrea, Jennifer Kent. Intérprete: Baykali Ganambarr, Aisling Franciosi, Sam Claflin. 75º Festival Internacional de Cinema de Veneza: Transmission Films, 2018.

PSICOSE. Direção e produção: Alfred Hitchcock. Roteiro: Joseph Stefano. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1960.